

Mille Tavares

OFEGANTES  
SENSAÇÕES

# A JORNADA

*Drama*

# **Ofegantes Sensações**

## **A Jornada**

**Mille Tavares**

**Drama**

## **Ficha técnica**

**Título:** A Jornada  
: Ofegantes Sensações

**Autor:** Mille Tavares

**Design & Diagramação:** Mille Tavares

**Editora Digital:** "ÁGUA PRECIOSA"

© 2022

Lubango-Angola

## ÍNDICE

<b>AGRADECIMENTO</b> .....	5
<b>DEDICATÓRIA</b> .....	7
<b>MORTE SILENCIOSA</b> .....	11
<b>CENA II</b> .....	16
<b>CENA III</b> .....	24
<b>CENA IV</b> .....	36
<b>CENA V</b> .....	40
<b>CENA VI</b> .....	52
<b>UM PAR DE SAPATOS</b> .....	56
<b>CENA I</b> .....	56
<b>CENA II</b> .....	65
<b>CENA III</b> .....	67
<b>CENA IV</b> .....	80
<b>CENA V</b> .....	82
<b>CENA VI</b> .....	91



## **AGRADECIMENTO**

À minha família,  
Aos professores e amigos



## DEDICATÓRIA

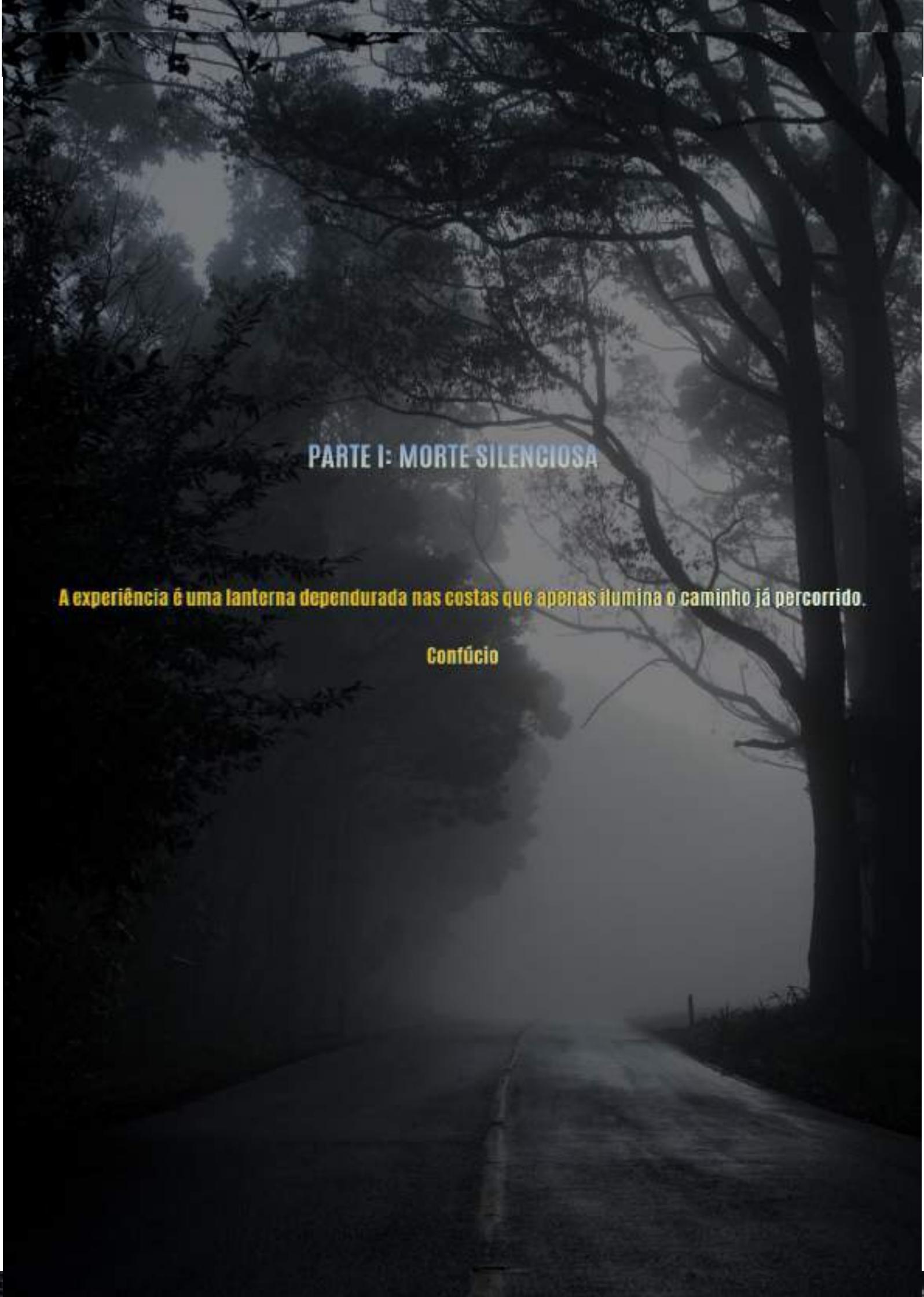
Aos jovens que trabalham afanosamente dia e noite para dar  
sustentos às suas vidas,  
Aos pais que cegam a razão e fazem ecoar a morte entre os filhos,  
Às mães que também são pais,  
Aos apreciadores da literatura e da leitura





**"É preciso que o discípulo da sabedoria tenha o coração grande e o braço firme. O fardo é pesado e a viagem longa"**

**Confúcio**



## PARTE I: MORTE SILENCIOSA

**A experiência é uma lanterna dependurada nas costas que apenas ilumina o caminho já percorrido.**

**Confúcio**

## MORTE SILENCIOSA

### CENA I

**D. FRANCISCA** — Mana Lena, já lá se vai quanto tempo desde que o mano Avelino te abandonou? Parece que já lá se vai muito tempo, não achas? Oko! Mba os homens pregam-nos com cada? Assim mesmo foi-se sem sequer se importar com as duas meninas que tinhas nos braços e com a outra que estava no teu ventre? Tenho dúvidas se alguns homens são mesmo pessoa, não passam de autênticos demónios engravatados.

**D. HELENA** — Hum!? Estou espantada com essa conversa, mana Xica. Por que é que me falas disso agora? O que andas por aí a insinuar, hein!? Olha que já sou muito mais velha e nem quero saber dele. Quando ele se foi a minha filha mais velha tinha apenas cinco anos de idade. Imagina agora na moça em que ela se tornou, hein!? Diz-me, quantos anos ela tem?

**D. FRANCISCA** — Nada, akome! Mba só queria ajudar.

**D. HELENA** — Eu sabia que aí tem coisas. Vamos, diz lá, o que queres que eu faça?

**D. FRANCISCA** — Acho que é hora de arranjares um pai para essas crianças. Acho que falta um pouco de autoridade e nada melhor que uma voz masculina.

**D. HELENA** — Nem pensar! Eu sei muito bem tomar conta dessas meninas. Apesar de elas serem uma dor de cabeça nalgumas vezes, eu sei que nos damos tão bem.

**D. FRANCISCA** — Aie? Achas que dás conta do recado? Lembras o que te tinha feito a Paula ultimamente?

**D. HELENA** — Nem me faz recordar mais aquilo, mana Xica. Não acredito que a solução seja arranjar um pai para elas. Hoje em dia é difícil encontrar um homem adulto solteiro, a não ser que seja viúvo. Ainda mais que muitos deles tenham morrido na guerra, outros seguiram o sacerdócio, alguns optaram pela transsexualidade. Tens a certeza que ainda há chances de encontrar um homem só para mim? Não estou preparada para dividir homem alheio, seja lá quem for: branco como os russos, negro como os zulus, mulato como os mapundeiros, careca como o sábio Dalai, alto como poste, baixo como botija de gás.

**D. FRANCISCA** — Eu já é que estou preparada, pois não? Pelo menos eu sou feliz com o Tito apesar de ele ter outra família. Oko, foste longe demais com esse teu discurso! Isso tudo é só mesmo para arranjares desculpas?

**D. HELENA** — Achas que ele consegue ser um pai presente para os teus filhos e educa-los como se deve? Isso até obriga os filhos a terem duas caras: quando ele está, são bons, quando se vai, são maus.

**D. FRANCISCA** — Yeah, nesse sentido ainda tens um bocado de razão, mas é sempre bom ter um ombro amigo.

**D. HELENA** — Um dia perceberás que estive sempre certa porque até então, procuro sempre ver as coisas dos quatro ângulos. Deverias passar a fazer a mesma coisa para evitar tropeços desnecessários, minha amiga de longa data.

**D. FRANCISCA** — Entendido, senhora professora. Falas muito, oko!

**D. HELENA** — Alguém tem que pôr sempre ordem nessa casa, percebes? Rs, rs, rs, rs, rs(risos). Brincadeira! Nem precisas ficar assim trombuda comigo. As conversas do género têm dessa.

**D. FRANCISCA** — Da próxima vez nem arrisco mais em falar disso contigo, nem pensar. Não me olhes desse jeito, estou mesmo a falar a sério. Eu também sou lixada e tu me conheces melhor do que ninguém, mas quem se atreve a tocar-te, eu caio com ele sem cerimónias, tu sabes.

**D. HELENA** — Ouve, se tinhas um plano de me atirar nos braços de um homem, tira o cavalinho da chuva, yeah mana? Comigo isso é impossível. O meu amor é apenas para as minhas filhas.

**D. FRANCISCA** — Oh! Deus disse para te multiplicares e encheres a terá por meio delas?

**D. HELENA** — Ei, para, para. Não invoca o nome do Senhor teu Deus em vão.

**D. FRANCISCA** — Ainda olha só para esta senhora a trocar os pés. Mba há pessoas que bebem até perderem as pernas. Assim quando morrer o coral da igreja e o pastor irão cantar para ela "o Senhor te chamou, o Senhor te escolheu, saberá conduzir-te... porque Ele que te chamou, porque Ele que te escolheu?" Assim desse jeito? A igreja tem pecado bastante nesse sentido. Eh, mba deixa só!

**DESCONHECIDA** — O quê que vocês tão falá? Suas bruxas. Se eu bebo é na minha custa, ouviram?

**D. HELENA** — Falas muito, ove. Mba se te baterem eu vou embora e deixo-te aqui em choros.

**D. FRANCISCA** — Bater-me, eu? Afinal não me conheces. E eu que já estava a pensar que me conheces bem? Eu sou uma malandra de primeira. Essa só não lhe respondo porque já está morta. Ainda lhe dou só uma chapada e morre logo. Não quero só deixar os meus filhos sem mãe. Aquele cão do meu marido que está só tipo energia do Lubango, ora vai, ora vem, nem vai conseguir atender as necessidades deles como bem faço. Ouve-me bem, só por isso mesmo.

**D. HELENA** — Ahahahaha (gargalhadas). O que é que pensas, hein!? Não sabes que violência só gera violência? Apesar de ela estar a trocar os pés, não significa que ela é tola. Já vi bêbados a destronar gente grande e sóbria, acredita.

**D. FRANCISCA** — Atchi, ainda tens dúvidas disso? Comigo é tudo a martelo e pronto. Viste o que fiz com aquela burra da Tânia quando me tentou atrapalhar a vida?

**D. HELENA** — Somos adultas demais para andarmos mais por aí em pancadarias. É hora de cuidarmos dos netos, não achas?

**D. FRANCISCA** — Sim, mas um bocado de surra às vezes faz muito bem. Assim, as pessoas ainda nos respeitam mais.

**D. HELENA** — Xi!!! Cala ainda a boca. Chegamos, consegues ver a casa amarela? Pelas referências que nos foram dadas, só pode ser essa, não achas?

**D. FRANCISCA** — Será mesmo está? Não vejo a muqueira.

**D. HELENA** — Ahahahaha (gargalhadas). O quê? Não entendi.

**D. FRANCISCA** — Estou a falar da muquiera, não te lembras? Estás muito distante, acorda.

**D. HELENA** — Muqueira é o quê mesmo, Xica?

**D. FRANCISCA** — Estás a questionar-me como se não soubesses? Aquilo que dá múcua chama-se quê, não é a tal muqueira?

**D. HELENA** — Ahahahaha (gargalhadas). Hoje vou morrer de tantas gargalhadas. Só tu para me fazeres sorrir assim. A planta que produz múcua chama-se embondeiro, produz sementes envolvidas por uma massa feculenta e ácida, de cor castanha, o tal pô tem propriedade laxativa. Percebeste ou tenho de repetir?

**D. FRANCISCA** — Como é que é embondeiro? Então, algo está errado. O normal seria muqueira, a não ser que a tal fruta seria embonde. Vês,

em regra como se diz o nome das plantas e frutos? É manga, a planta é mangueira, é goiaba e a planta é goiabeira. até milho, a planta é milheiro. Agora, só porque estudaste estás a vir aqui com esses truques de português de Camões? Eu também já convivi com os brancos de Lisboa e de Leiria.

**D. HELENA** — Ei, não complica mais as coisas. O milho também é fruto? Quando te aconselho a estudares um pouco, achas que te estou a ofender, agora andas aí a falar à toa. Não fala só mais.

**D. FRANCISCA** — E é o quê afinal?

**D. HELENA** — É fruto.

**D. FRANCISCA** — Assim só me queres zombar. Fica assim.

**D. HELENA** — Parece que nem é embondeiro. Consegues ver essa árvore? Isso é mulembeira. Ham! Essa produz figo e não mulemba, yeah? Ahahahahaha (gargalhadas).

## CENA II

**MÃE** — Poças, não acredito que ainda estão a dormir. Bom dia, meninas. Vocês dormiram bem? Não acham que já deveriam estar acordadas a esta hora? Nas casas dos outros a esta hora já fizeram os trabalhos de casa, mas vocês estão aqui a dormir. Saiam já da cama agora mesmo antes que vos despeje uma jarra de água fria.

**ANA** — Ah, não! A mãe também chateia, yeah? Essa hora bem cedo quem já fez trabalho em sua casa? Vamos só dormir mais um pouco. Aí fora também está muito frio.

**MÃE** — A mãe também fuic, fuic...quem põe comida nessa casa? Sua resmungona. Estou a ir trabalhar, espero encontrar tudo em ordem nessa casa, estamos entendidas?

**PAULA** — Está bem, chefinha, faremos como a senhora mandar, mas agora ainda não.

**MÃE** — A Paula e a Ana têm a missão de debulhar o milho branco que deixei lá no balde da cozinha e tu, Julieta, cuidas da louça e da arrumação da casa. A propósito, quem vai preparar o almoço hoje?

**ANA** — É a Jú, mãe.

**MÃE** — Está bem. Menina Julieta, não brinca com o carvão, não há muito no saco. Assim que terminares de cozinhar, tens de apagar o fogo. Vais preparar a couve-flor que está na bacia verde e acompanhar com a tábua de peixe seco que está lá no saco preto. Ouviste, Paula? ...Paula?...Paula...?! Opa! Ó Ana, onde é que a vossa irmã se meteu dessa vez?

**PAULA** — Como assim onde é que se meteu se ela estava no quarto dela?

**MÃE** — Ela nem sequer está aqui, mas a sua cama está bem arrumadinha. Será que ela não dormiu em casa? Lembro-me que fui a última pessoa a ir à cama. Vou lá ver fora de casa ainda. Estranho não ter notado quando ela saiu.

**ANA** — Eu acho que a Jú deve ter arranjado um namorado e de certeza que é para lá que ela foi, só pode, Paula. vamos descobrir isso. A Jú não é a tal preferida da mãe?

**PAULA** — Sim, nós já é que não prestamos. Tudo o que acontece nessa casa é só a Paula e a Ana, mais nada. Agora vamos ver quem pula a janela. Hoje vão lhe aquecer bem mal, depois que a mãe já anda com raiva de nós, vai descarregar mesmo toda raiva nela. Finalmente hoje os nossos nomes não estarão mais na boca do povo.

**ANA**— Vamos ainda ver se terá coragem de lhe ralhar como tem feito connosco. Se a mãe não lhe pôr de castigo, hoje mesmo também vamos sair de noite, vamos nos nossos namorados e só vamos voltar amanhã, mas de tarde, para ela saber.

**MÃE** — Eu abri a porta muito cedo. Eu é que abri e não ela. Isso significa que ela realmente não passou aqui a noite. A Julieta não pode fazer isso comigo, estou muito furiosa. Até ela faz isso? Não consigo acreditar nisso. Quando ela chegar vai me sentir.

**PAULA** — Agora a mãe para falar mais que a Ana e eu é que damos dores de cabeça.

**MÃE** — Paula, não me enerva, yeah? Não me faz perder a cabeça nessa manhã. Já basta a tua irmã fazer isso comigo, sabes se lhe aconteceu algo de errado?

**ANA** — Ó Paula, não fala mais, deixa só assim. Não sabemos se dormiu mesmo fora. Quem sabe foi fazer algo muito cedo? Ela como gosta muito de manter tudo em sigilo, quem sabe foi mesmo fazer algo ou mesmo está apenas lá fora a limpar o quintal?

**MÃE** — Ove, aquela não é a Julieta que está a aparecer lá ao fundo com o balde na cabeça? Parece ser ela, não acham? Assim, acordou cedo para ir acarretar água? Essa é a minha menina do coração.

**ANA** — Com licença, mãe, deixa ver... não falei que deve estar a trabalhar? Sim, é mesmo ela. Afinal, ia só acarretar água. Só estamos aqui a fazer muita confusão em vão.

**MÃE** — Eu sabia que a Julieta não faria isso comigo. Estou mais aliviada agora. Assim já me posso alegrar. Vejam só essa minha menina como é? Muito empenhada, que lindo!

**PAULA** — Hum!? Mba aqui sabem simular comportamentos, yeah!? Não é a mãe que estava a desconfiar dela, agora já, ela é incapaz de trair a sua confiança? Que falsidade!

**JULIETA** — Por que é que estão aí paradas na porta? Até a mãe para também na porta? Que estranho, hein!? E essas vossas caras como se tivessem visto uma rainha? O que foi?

**PAULA** — Olha já, assim foste no rio a estas horas por quê? Perdeste o medo muito cedo, não? E tu já és a mulher ferro que não sente frio? Um dia vão já te violar, vais ver só, brinca ainda, ham!

**ANA** — Paula, deixa de chatear a outra. Se fosse na tua vez já ias querer lutar. Depois tu que nem força tens, gostas muito de pegar pedra. Ela sabe muito bem do perigo que corre.

**MÃE** — Já chega, meninas. Minha filha, foste ao rio mais cedo, por quê? Não podias deixar isso para uma outra altura?

**JULIETA** — Mãe, como sabia que hoje é o meu dia de cuidar da casa, principalmente a cozinha, assim que ouvi barulho da porta, decidi acordar também. Fui à cozinha e notei que havia pouca água, então, comecei a acarretar a água. Até que não estava muito escuro, pois, há, por exemplo, o Tio André e o Tio Jonas a cultivar nas lavras junto ao rio. Não vejo razões de tantos alaridos da vossa parte.

**PAULA** — Essa tua coragem não tem limites, oko mba! Tudo isso só para te gostarem?

**JULIETA** — Com licença, quero passar, vocês não estão a ver que tenho o balde de água na cabeça? Pelo menos deveriam ajudar-me a tirar isso da cabeça. Vocês pensam que sou a Super-mulher? Também tenho sentimentos.

**MÃE** — Ela tem razão...vocês deveriam ter um pouco de vergonha na cara. A vossa irmã já foi ao rio, enquanto vocês só sabem resmungar, mas que tipo de mulheres são vocês? Quero ver quando tiverem as vossas próprias casas. Nem sequer vão demorar lá...

**ANA** — Oko! A mãe também gosta de criar assuntos. Toda hora só a porque vão choutar-vos, vão choutar-vos. A mãe não pode esquecer que maldição de uma mãe pega mais rápido nos filhos do que qualquer outra coisa.

**PAULA** — Tens toda razão, minha irmã. Vamos ver onde é que iremos parar com isso tudo. Só sei que um dia me vou casar e não com um Bernardo qualquer. Vou encontrar um bom homem e só as tais comidas que vou fazer...?

**JULIETA** — Tu mal sabes cozinhar, ainda vais só matar o filho alheio. Pensas o quê?

**MÃE** — É, é, é...mba tchicale ñgo. Assim mesmo tu é que vais cozinhar para o meu genro? Só vamos ouvir o filho alheio apanhou cólicas, ahahahaha (gargalhadas).

**JULIETA** — Estou curiosa para aquele dia. Convida-me para visitar a tua casa, yeah, mana? Tem de ser mesmo na primeira refeição depois de te casares, vai cuiar só à toa.

**PAULA** — Ó Jú, sua burra, quem és tu na rua dos cães, hein!? Nem sequer vou te convidar. Para já, na minha casa nem vais entrar. Vou atender-te lá fora, vais ver só. A tal comida que te vou dar mesmo é pão com água doce, enquanto os meus filhos, marido e eu, comeremos hambúrguer acompanhado com leite. Coisas de ricos, só coisas de ricos.

**MÃE** — Mba vocês dão graça. Portem-se bem, ouviram? Estou a ir trabalhar. Não acaba o carvão, Julieta. A couve está na bacia verde e o peixe está lá no saco preto, basta uma tábua, mas primeiro põe na água para extrair um pouco de sal. Até mais logo, meninas. Assim estou a ir, não quero ouvir que vocês andaram em brigas aqui em casa. Está claro?

**JULIETA** — Está bem, mãe. Deixo almoço para si ou nem por isso? Vamos só evitar ralhetes.

**MÃE** — Não precisa, mas agradeceria que me deixassem um pouco de couves para acompanhar no jantar. Se não chegar também não faz mal, depois verei o que posso fazer.

**JULIETA** — Está entendido, mãe. Vamos fazer uma gestão para que sobre comida para si. Havendo peixe, não há necessidades de se consumir muita couve numa só refeição.

**PAULA**— Oh! Agora tu já é que falas em nossa vez? Eu vou comer o necessário e pronto.

**JULIETA** — Não te preocupes, nem vou tocar no teu prato, vou servir-te como quiseses, nem que seja necessário reduzir a minha comida, mas vou sim deixar para a mãe também.

**MÃE** — Pronto, sem discussão. Até mais... ham, já me ia esquecendo, Julieta, a Tia Suzana virá cá mais logo, não esqueça de a entregar os cestos que estão por cima da mesa.

**JULIETA** — Ah! Eu já estava a pensar que aqueles cestos lindos são nossos. Mãe, tem de mandar fazer alguns daqueles também, são lindos demais, o que achas, Paula?

**PAULA** — Aqueles cestos bem feios é que estás a dizer que são lindos? Mba os teus gostos são esquisitos mesmo, yeah? Se dependesse de mim, a esta hora não teria nenhum cesto sobre a mesa; ainda bem que a Tia Suzana os vai levar, aquilo só combina com ela. Falta-lhe mente e coração.

**ANA** — Até que nem penso assim, achei os cestos uma maravilha sim. Tens péssimo gosto, irmã. Tens toda razão, essas coisas lindas não combinam mesmo contigo.

**MÃE** — Assim estão mesmo a discutir sobre cestos agora? Mba fui. Mais logo, meninas.

**JULIETA** — Bom trabalho, mãe.

**PAULA** — Que tal agora a Jú preparar o pequeno almoço? Do jeito que estou cheia de fome, só estou tipo não jantei ontem. Afinal, ontem comemos o quê? Só a tal fome? Oko!

**ANA** — Jantamos funje com carne de galinha. Tu nem sequer jantaste, estavas aí toda cheia de sono que até roncavas e tudo. Parecias um porco dentro da sua pocilga e como se não bastasse, estavas lá a sonambular, a porque não, um dia irei viver lá na lua contigo.

**PAULA** — Afinal, é por isso que estou com muita fome. Ainda bem que terei um pequeno almoço de garfo e faca; vai sair bem. Então, não precisas contar comigo no vosso pequeno almoço.

**JULIETA** — Está entendido, senhora mandona. Agora só reza para que possas encontrar alguma coisa do género lá na cozinha, rs, rs, rs, rs. (risos). Não é nada fácil em plena crise ter comida na cozinha por muitas horas, ainda mais quando se tratar de uma boa carne de galinha preparada pela mãe, a grande chefe de cozinha jamais vista em Angola.

**PAULA** — Experimenta ainda...vais apanhar no focinho. Eu sou muito bem capaz de te agarrar na garganta e dar-te muitos socos da barriga só para lançares toda a minha comida, brinca de criança, então. Assim mesmo a outra dorme com fome e tu bem armada comes o que seria para mim?

**JULIETA** — Relaxa, maluca, nem sequer dei conta do teu prato lá na cozinha. A não ser que a mãe tenha feito da tua comida o seu pequeno almoço, mas duvido que o tenha feito, pois, ela também sabia muito bem que tu foste à cama sem ter jantado.

**PAULA** — Ainda bem que todas vocês já sabiam que eu não havia jantado. Imaginem só te comerem a tua carne e não é uma carne qualquer, é carne de galinha preparada pela velha Margarida de Sousa. Não é aquelas tuas comidas cheias de óleo tipo refogaram com banha de porco morto há um ano.

**ANA** — Aie? Queres mesmo falar de comida boa? Aqui mesmo se tivermos que falar disso, vais só chorar. Lembras do dia em que puseste sal na panela de arroz doce? Admirável a tua capacidade de cometer borradas. — Como é que uma pessoa vai cozinhar algo sem sequer provar e vai logo pôr à disposição de todos? Contando nas pessoas, acho que ninguém acreditaria, mas foi o que aconteceu.

**JULIETA** — Naquele dia a mãe quase chorou de tanto pensar no que a Paula fez. Se o pai estivesse vivo, ele mesmo te pagaria um curso de culinária. Imagina já se o teu damo estivesse em casa, como é que te ias safar daquilo? Acho que ele mesmo te ia mandar para o espaço bem rápido, rs, rs, (risos).

**ANA** — Coitada, afinal também sentes? Pensei que eram apenas os outros que sentiam; por um pouco até pensei que havias sido fabricada numa indústria de bonecas.

**JULIETA** — Precisamos aprender com os erros, saibam já disso. Isso se chama humilddaaade.

### CENA III

**PAULA** — Ó Jú, o que é que deste na mãe para ela preferir mais a ti e não a nós também? Parece que a mãe quando olha para nós só consegue ver defeitos, mas quando olha para ti, só vê beleza? Isso é muito estranho, não achas, Ana? Parece que algumas pessoas são que nem a Xica Da Silva, basta palmas para que a mucama apareça para lhe fazer as ordens todas.

**ANA** — Ó Paula, também não é para tanto. Assim estás a querer dizer o quê? Achas que a Jú enfeitçou a mãe para se insurgir contra nós? Onde é que foste buscar essa ideia maluca?

**JULIETA** — Deixa, mana, deixa que ela continue a falar à toa. Receberia feitiço só para ser bem tratada pela minha própria mãe? Sou bastante alta para me rebaixar até este nível, saiba já, querida. Se quisesse ganhar a atenção de alguém use a razão e não sai às ruelas vendendo sorvetes em moleques. Precisas ser uma vendedora de sonhos e, isso, se faz com trabalho, trabalho...entendes?

**ANA** — Não lhe liga, mana, tu sabes que a Paula é intriguista. Gosta de pôr lenha onde não há. Se a ouvires só te vais torturar e mais nada. Essa não é a primeira, nem a última vez que faz isso. Não foi ontem que a mãe lhe bateu com aquele cabo da enxada? Não ouve e nem sequer vai aprender. Eu mba reconheço que sou preguiçosa e isso faz com que a mãe me dê pouca atenção ao contrário de ti, Jú. Tu és mesmo muito empenhada.

**PAULA** — Lenha na fogueira? Achas que estou a brincar? Então, vamos ver o que acontece depois. Se isso não te dói é contigo, a mim dói e

tanto.se sonho valesse, porque razão muitos morrem quando sonham? Acham mesmo que vocês um dia serão alguém nesse país que até o ar é projecto do estado?

**ANA** — Discutir contigo é mesmo perca de tempo, yeah? Achas que o sonho a que refere ela tem a ver com o sonho de ir à cama e acordar no dia seguinte? Precisas mesmo crescer, yeah?

**JULIETA** — Queres ganhar a atenção da mãe? É muito simples, dedica-te como eu e ela te dará toda atenção necessária. Minha querida, os lugares conquistam-se com muito trabalho e dedicação. Vês? Acordei cedo para ir ao rio enquanto culpas o frio. Não quero entrar em atritos contigo, pensa o que quiseres, não vai mudar nada em mim.

**ANA** — Também chega já, vamos lá trabalhar. O tempo está a passar-se e ainda temos muita coisa para fazer. Paula, vai já pegar o milho para começarmos a debulhar. Eu vou cuidar dos sacos e dos banquinhos para nos acomodarmos lá debaixo da goiabeira, parece que hoje teremos um dia de sol.

**PAULA** — Não gosto de quem me interrompe, yeah? Esse assunto não fica por aqui, assim mesmo avisei. Estás a me olhar assim? Me caguei ou me mijeii? Vou te dar uma bofa agora. Estás a gozar com a minha cara, pois não? Achas que deves mandar na minha vida? Paula fuic, Paula fuic...

**JULIETA** — Não quero discutir...com licença...eu ainda valho muito para mim mesmo, só para não citar outras pessoas também que dariam as suas vidas para me verem viva e feliz.

**ANA** — Ó Paula, vai então pegar o milho, não fica mais aí a cochichar, sua resmungona de uma figa. Para quê muita conversa se isso não nos

leva a lado nenhum? Pega o milho e vamos continuar com a conversa aqui mesmo, assim, terminaremos bem rápido.

**JULIETA** — Finalmente há um cérebro a funcionar em condições nesse meio, oko mba! Nem consigo acreditar que a Paula, na condição de mais velha de todas, seria mais a senhora que puxa tudo para atrás quando a intenção primária é puxar para frente. Maldição das primogénitas será?

**ANA** — Nada a ver, Jú, esse é apenas problema da nossa mana. Conheço bem a Lídia, ela é primogénita e nem tem um cérebro tão disfuncional como o cérebro dessa daí. Que parece morto.

**PAULA** — Também já não vou mais pegar a porcaria do milho. Se quiseres, vá tu mesma pegar. Ninguém me paga, só trabalho tipo escrava. Já sei que um dia vou trabalhar muito quando eu tiver a minha própria casa. Lá sim, vou trabalhar todos os dias, sem renda, nem feriado, mas pensando bem, nem lá sequer vou trabalhar, vou mesmo arranjar uma empregada que trabalha que nem uma máquina de escavação, basta lhe dar um bom salário, vai ser bem rápido.

**JULIETA** — Opa! Assim é que estás a reclamar a forma como a mãe me tem tratado? Falta de vergonha. Depois que a mãe retornar à casa, é só justificar à mãe as razões que te fazem desistir das tarefas que ela te orientou e tu mesma concordaste fazer sem que te obrigasse a tal coisa.

**PAULA** — Jú, sua tonta, um dia te mato. Pensas que tenho medo da mãe? Isso nuncaaaa! Só não respondo e discuto com ela porque tenho um pouquinho de respeito, senão, eu faria o que bem me apetecesse e ninguém me tocara, muito mesmo me dirigiria aquelas palavras que magoam a alma.

**JULIETA** — Eu? Experimenta ainda. Vais falar mal da vida. Achas que tenho medo de ti? O único medo que tenho é dessa tua boca que cheira a pocilga. Fica a saber que já te tolerei demais. Se te achas grande, saiba que eu não janto só funje, eu também janto gaz. Só te respeito pela tua idade.

**ANA** — Então, lutem, já que não se querem calar, suas lunáticas. Problema vosso, só não quero ouvir pessoa alguma a clamar pelo meu socorro porque vou tapar os ouvir e os meus olhos.

**JULIETA** — Tu estás a ver que ela mesmo é que me está a provocar. Eu não a fiz nada. Essa daí anda muito repleta, nem sei o que tem comido, bebido ou fumado ultimamente. Se for comida, só pode ser fezes de hipopótamo, se for bebida, só pode ser água de chefe, mas se for liamba só pode ser de Malanje, esqueceu-se que aquela liamba não se consome só assim, aquilo mata até homem grande.

**PAULA** — Repleta eu? A tua avó é que me deu de comer ou o teu namorado desgraçado? Continua a estressar-me, continua mesmo. Vou só ir dormir, não quero matar alguém hoje. Eu como sou muito estressada mesmo, assim já sinto a minha cabeça a picar bué.

**ANA** — Ah, ah, ah, ah...(gargalhadas). Não me faz morrer de gargalhadas, yeah, Paula? Essa é a desculpa esfarrapada que encontraste? Vai só dormir, é o que mais sabes fazer, não achas? Ham! E comer também porque de resto mesmo é só mangonhice. Sempre que não queres trabalhar, provocas as outras para que depois venhas com argumentos de não querer mais trabalhar. Já ganhaste, yeah?

**JULIETA** — Mba eu fui...vou cuidar dos meus afazeres lá dentro. Já é sem tempo mesmo. O azar às vezes te bate a porta logo no momento em que pensas que a vida está uma festa. Festa que nada...afinal, os

problemas acompanham as pessoas tipo quando uma pessoa se esfrega perfume.

**ANA** — Assim mesmo, Jú. Ainda bem que não foi preciso se pegarem nas blusas. Nem imagino o que teria acontecido. Quem evita não é burro. Até o próprio burro evitaria as provocações da Paula porque já sabe que ela ferve até com pouca água.

**JULIETA** — Mas...

**ANA** — Espera aí, desculpa por te interromper. Sabes? Tiveste sorte hoje, a mãe...

**JULIETA** — Desculpa-me por te interromper também, Ana. Não está na hora de debulhar o milho? Esse milho tem de ser moído ainda hoje. Ainda estás aqui a afiar mais a conversa? Eu pelo menos só me resta mesmo preparar o almoço. Faz lá a tua parte, ove.

**ANA** — Assim estás a pensar o quê, hein!? Que eu vou fazer aquilo tudo sozinha? Nunca na vida, esquecer isso, yeah? Também nem vou tocar já lá. A mãe quando perguntar, só vou dizer que a Paula também não aceitou e tu és minha testemunha.

**JULIETA** — Testemunha de quem, tua? Nunca na vida, eu não vou testemunhar nada porque dá muito bem para fazeres a tua parte enquanto deixas a parte assim para a mãe saber que pelo menos tu fizeste a tua parte, diferente dela. Agora também entraste na jogada esfarrapada da tua amigona?

**ANA** — Tens toda razão, mana, mas também não vou fazer. Assim, a Paula vai me achar de burra, mais parva. Vai passar a usar-me como se fosse seu bonequinho de palha. Isso não admito. Ou não me chamo Ana Francisco Santos Avelino. Que se dane todo mundo, não faço mesmo nada e pronto.

**JULIETA** — Tu é que sabes, então. Só quis dar a minha opinião. Para o teu próprio bem. Vejo mesmo que é uma perda de tempo dar-vos conselhos. Quem seria capaz de vos suportar, afinal?

**ANA** — Que linda opinião, hein!? Gostei dessa, sabias? Tchau, estou a ir à casa da Ruth. Não esquece de me contar no almoço, ouviste? Agora esquece só. Eu não sou a Paula que só sabe mandar muita boca. Tu me conheces, sabes que sou alguém de poucas palavras e de muitas acções. — Aí onde estou a ir não é na minha casa e não gosto de comer fora de casa, faz-me muita confusão.

**JULIETA** — Está entendido, chefinha. Fazer o quê? Sou mesmo a escrava dessa casa. Só está tipo eu é que sou a mãe dessa casa. Tudo, tudo, é só Jú, Jú, Jú. Vamos ver ainda o dia em que eu morrer se me vão acompanhar no buraco ou não.

**ANA** — Tu assim toda seca tipo uma pessoa que apanhou tuberculose há dez anos, quem te vai acompanhar no buraco? Morrer é crime, no cachão faz calor, aprende já, garota mimada. O mundo é dos vivos e não dos mortos que querem reinar. Queres reinar, vai na casa mortuária, ok? Ainda tens que continuar viva para o bem da tua protegida. Se morreres ela é a única que vai chorar bué. Fuiiii!

**JULIETA** — Meu Deus, ter duas filhas destas deveria dar direito à cadeia. Deveria ser mesmo crime. Isso não se admite. Assim vou fazer tudo isso sozinha? Como não chegou a minha hora de preparar o almoço, vou só me divertir a debulhar o milho até onde der. Não consigo ver a mãe toda decepcionada outra vez por não fazermos o que nos orienta.

**JULIETA** — Ó credo, já são onze horas e vinte e dois minutos? Tenho que deixar de debulhar para preparar o almoço. As chefonas daqui a pouco vão começar a chegar para ver se a escrava já terminou de

cozinhar. — Vamos lá, esse carvão também gasta rápido, yeah? Só está tipo algodão doce, oko! Vou primeiro pôr as couves ao fogo. A mãe sempre dizia que o conduto nunca deve ir ao lume depois da panela de funje. É sempre o seu contrário. Couve também coze rápido. Enquanto coze, vou debulhar mais um pouquinho.

**JULIETA** — Enewe! Esse milho é mais assim, afinal? Umas partes tipo andaram a tirar, a tirar, a tirar tipo foram fazer torrada. Mba uma boa torrada a essas horas sairia bem. Vou ver se tiro uma mão de milho, vou pôr na água, até à tarde estará bem mole, vai me sair bem. — Humby, humby, yelela twende, kakele cacimbamba osala posi...humby, humby, yelela twende, kakele cacimbamba osala posi. Poças! Duvido que haja canção igual! A mãe já só como gosta? Mba tchicale ñgo. Ndaivaluka. — Mba deixa ir bater o funje antes que as minhas chefonas apareçam e birrem comigo.

**PAULA** — Ham!? Só estás a meter a primeira fuba agora? Mba isso não é hoje, yeah? Desde aquela hora assim estavas a fazer o quê? Sua preguiçosa fingida. É assim que és a protegida da mãe? Também fazes bem, hoje mesmo seremos todas ralhadas, assim, nem me vai doer tanto porque também vou contar tudo isso à mãe quando regressar.

**JULIETA** — Tens a certeza do que estás por aí a dizer? Passaste toda manhã a dormir e agora vens aqui a porque fuic, fuic? Mba minha irmã, não me estressa só. Nem tens noção do trabalho que fiz hoje. Se alguém trabalha que nem basculante nessa casa, sou eu. Disso podes ter a plena certeza.

**PAULA** — Vai para o inferno, yeah? Estou de saída. É melhor me chamares assim que a comida estiver pronta, ouviste? Estás a me olhar assim? Estás a gozar ou o quê? Deixa-me ir lá cuidar do meu cabelo enquanto aprontas o almoço. Vou tentar queimar um pouco de tempo.

**JULIETA** — Algumas coisas é só mesmo azar! Eu já é que sou escrava enquanto algumas pessoas saem, cuidam dos seus cabelos. Os tais cabelos é que nem são lisos e nem crescem.

**ANA** — Cheie! A Paula debulhou esse milho todo sozinha? Sim senhora! Poças, eu estava a subestimar essa gaja, afinal, ela bumba mesmo tipo veículo de tração a motor, até carroça aqui capota bem rápido. Então, minha candengue Jú, sempre a impressionar? Ainda deixa provar isso..., hum! Hum! Isso falta um pouco de sal, esse peixe acabou muito sal. Que tipo de mulher és tu?

**PAULA** — Ó caramba da Jú, a comida está pronta e não dizes nada? O que foi que te disse, hein!? Já demoras a cozinhar essa porcaria de comida, ainda nem sequer me dás um sinal? Ganhaste, yeah?

**JULIETA** — Comem só e não me fazem mais barulho. Deveriam agradecer ao menos pelo esforço empreendido. Algumas pessoas trabalham para comer, enquanto outras, nem por isso. Que triste! Quer dizer, cozinheiro e ainda tenho de passar no quarto para avisar? Isso nem que a vaca tussa, faria.

**PAULA** — Uau! Até que essa comida está boa. Faltou um pouco mais de tomate, mas já dá para sobreviver. A Ana do jeito que gosta de sal, parece que o avô dela trabalha nas salinas. Nem sabe que isso faz mal à saúde; depois tu já és uma descartável, brinca à toa, vais entregar a chave no Kota Deus.

**ANA** — Eu já é que brinco à toa, não é? Até que eu gosto muito de sal, e tu que gostas muito de açúcar como se o teu pai que está por baixo da terra trabalhasse numa produção de cana-de-açúcar? Não me faz rir, oko! Sei muito bem quando é que chegou sal ou não porque eu cozinheiro como os italianos.

**JULIETA** — Chiiii! Calem ainda as vossas bocas. Ou comem ou falam. Não se pode cantar e ao mesmo tempo assobiar. Não sabem que quando se está na mesa não se pode falar, ainda mais quando se tem comida na boca? São regras da boa convivência, manas.

**PAULA** — Olha para essa louca armada em jacaré de parede. Assim estás a ensinar as regras de convivências a quem? Talvez à Ana. Eu mando lixar todas essas merdas de regras, estou mesmo em nossa casa e aqui ninguém me dá ordens., ainda mais tu, tonta.

**JULIETA** — Nem te estou a dar ordens. Saiba que a vida é uma escola tal como disse Cury, ela não sabe ensinar quem não sabe ser aluno. Todos nós somos alunos dessa escola e temos de aprender...

**ANA** — Eu também não aceito ordens nenhuma. Esse tal Curty assim também estava repleto quando disse isso, só pode. A Jú deveria ir só ao convento, pois não, Paula? Ia sair-se bem com essas regras todas. Pelo menos vai inspirar-se na Madre Teresa de Calcutá.

**JULIETA** — É Cury e não Curty, sua burra. É por isso, nem tu, nem a Paula lêem as obras deele, como é que vão saber de alguma coisa assim? Só sabem mesmo levantar a saia e dar a bunda e mais nada. A vida é muito mais do que isso. Claro, mas não sou digna de ser comparada à Madre Teresa.

**PAULA** — Teresa de Calcutá? Aquela kota era capaz de dar a sua comida para alimentar quem tivesse fome. Essa daí do jeito que é bem gulosa nem ia aguentar a batida, morreria.

**ANA** — Nisso tens razão, essa miúda tem um túnel aí dentro, aquilo é só atirar lá para o fundo; parece que nem mastiga mais os alimentos e tudo mais. Ainda vai só comer as hóstias que confeccionam para as missas. Já imaginaste a ligarem para a nossa velha a dizerem que a sua Julieta foi expulsa do convento porque comeu as hóstias?

**JULIETA** — Sabem? Vão lixar-se, yeah? Estou nem aí para as vossas piadas descabidas. Eu faço jejum, pelo que sei, vocês nem aguentam fazer isso. Por quê? Assim sou a mais gulosa? Esse não é o lado real das coisas, não tentem tapar o sol com a peneira porque não vão conseguir.

**ANA** — Éh! Hoje tiveste muita sorte, Jú, a mãe estava a te planificar para uma boa surra. O cabo de enxada ia mesmo partir-te... Paula, conta-lhe se estou a mentir, então. É pena não ter acontecido.

**JULIETA** — Por quê, sua mentirosa? O que foi que terei feito para que a mãe me batesse? Assim, vocês já me queimaram mais, pois não? Já nem imagino que disseram mais à mãe. Sei que a mãe jamais seria capaz de levantar a mão contra mim. Eu sou o paracetamol dela quando vocês se tornam a sua dor de cabeça. Se eu não estivesse cá, a mãe já teria morrido por vossa causa.

**PAULA** — Ove, de manhã nós estávamos à sua procura...a mãe ia ao seu quarto e tu não estavas lá, então, ficamos com a ideia de que tu não terás passado a noite em casa. Pensamos até que tu arranjaste um namorado e tudo. Que pensamento doido, estávamos esquecidas que tu és a santa dessa casa.

**JULIETA** — Deram-se mal, muito mal mesmo. Longe de mim fazer isso. Sou boa moça e o dia-a-dia já revelou isso há bastante tempo.

**PAULA** — Oh! Excesso de confiança. Sei porquê, a mãe é que causou isso tudo. Se a mãe fosse homem, diria mesmo que somente tu és filha dela, enquanto que a Ana e eu somos suas enteadas.

**ANA** — Hum, Paula!? Fala mesmo de ti, não me inclui mais nisso. Eu sei que a mãe prefere mais a Jú do que nós as duas, mas eu também apesar de tudo, sinto-me segura na companhia da mãe. Ela é uma grande senhora e sabe manter a casa sempre em ordem. Não é e nunca

foi fácil uma senhora viúva cuidar do lar, ainda mais só com meninas cujos temperamentos são totalmente distintos.

**PAULA** — Está sozinha porque quer, faz tempo que o pai morreu. Se fosse comigo já teria arranjado um outro homem. A vida é para frente.

**ANA** — A cautela nesses casos é bastante importante. Segundo contou-me uma vez a mãe, havia um senhor que a quis, mas ela não o aceitou. Até que já eram grandes amigos, faltou apenas um sim. Sabes por que é que a mãe o negou?

**PAULA** — Não sei, diz-me tu...

**ANA** — A mãe negou-o porque ele dizia que ficaria com a mãe caso a mãe enviasse as suas três filhas, no caso, nós para a avó. De contrário não aceitaria. Entendes? A mãe preferiu a nós, abriu mão da sua felicidade para que pudéssemos sorrir. Veja agora o que é que é que nós a damos em troca.

**PAULA** — Epa! Isso é bastante complicado, então. Não sei o que dizer sobre isso, ainda acho que a mãe inventou essa história toda só para que fizesses tudo o que ela te quisesse mandar sem ao menos resmungares. O que tem de errado levar as filhas na avó para ser feliz com o homem que amas?

**ANA** — Farias isso? Serias mesmo capaz de deixar os teus filhos para ir ficar com outro homem? E se lá não fores feliz, o que farás caso te deixe?

**PAULA** — Muito simples, mato o desgraçado com veneno de rato. Achas que ele vai ficar por aí a rir-se da minha cara? Comigo eu mesmo é que decido como gerir o lar e quando acabar com o relacionamento. Eu não admito machismo nem que for no sonho.

**JULIETA** — Gostam de bisbilhotar a vida dos outros, pois não? Com licença, preciso tirar a louça para lavar. Deveriam passear um pouco enquanto trabalho, por favor, preciso de silêncio aqui, ok?

**CENA IV**

**MÃE** — Olá meninas! Meu Deus, esse milho está a fazer o quê aqui? Vocês não moeram isso? Ana e Paula, venham cá explicar-me isso. O que é que vocês fizeram além disso?

**ANA** — Eu nem vou responder, vou bazar na casa da Tina. Isso agora vai dar mal. Fuiiiii.

**PAULA** — Eu também nem vou estar aqui para que tudo não sobre para mim. Vou bazar também. Vamos juntas, então. Agora vamos só nos esconder um pouco e esperar que a mãe entre e depois saímos a correr. Quem for vista, problema dela, ouviste?

**ANA** — Boa ideia! Saímos e lá no caminho vamos tentar traçar um plano para voltarmos sem que a mãe caia por cima de nós. Nem adianta só me tocar mais, ainda sinto dores da última surra, lembra?

**MÃE** — Onde é que essas duas meninas se meteram, Julieta? Há pouco que estavam aí...

**JULIETA** — Nem sei onde é que se meteram, mãe, talvez estejam lá fora a fugir de si, só pode. Vou lá fora procurar por elas se é que ainda estão lá fora. Já devem ter fugido.

**PAULA** — Estás a ver a Jú como é traidora? Assim, está a vir para fazer o quê? Vamos aproveitar sair agora antes que nos encontre aqui e fale na mãe que estamos aqui atrás, para a nossa desgraça.

**JULIETA** — Ham! Vos apanh... ei, vocês estão a fugir? Não vão, a mãe quer falar convosco, ela está muito zangada convosco. Ei, venham aqui, não fujam. Mãe, mãe...a Paula e a Ana estão a fugir.

**MÃE** — Meninas..., onde estão elas?

**JULIETA** — Acabam de sair a correr, mãe. Não sei para onde é que foram, mas não foram longe.

**MÃE** — Está bem, só se eu não for a mãe delas. Nove meses para cada uma delas e elas retribuem-me desse jeito? Vão ter problema sério comigo hoje. Não terão acesso ao jantar e ainda terão outros castigos, isso é brincadeira. Debulham o milho e deixam ali fora?

**JULIETA** — Lamento informar, mãe, mas este milho quem debulhou não foram elas, mas sim, eu. Assim que a mãe saiu, elas puseram-se em conversa afiada. A Paula começou a embirrar-se comigo e depois foi para o seu quarto. Ana não admitiu, saiu e passou a manhã na casa da amiga dela. Então, preferi cuidar do milho, da casa e do almoço sozinha.

**MÃE** — O que faço com essas meninas? Todos os dias aprontam algo. Seria bom que o seu pai ainda estivesse vivo. Estou muita cansada de falar para essas meninas. Surra já não faz efeito pelo que se pode notar. — Tenho que adoptar outras medidas correctivas antes que seja muito tarde demais, ainda mais por se tratar de meninas. Um dia essas meninas vão arranjar problemas maiores e não terei como contornar.

**JULIETA** — A mãe não pode quebrar a cabeça por culpa dessas duas, mas tem de se fazer alguma coisa porque essas já não mudam. Elas saíram e ainda queriam lutar comigo por demorar a preparar o almoço. Reclamam por qualquer coisa que os apetecesse.

**MÃE** — Deixa comigo, minha filha, eu sei o que fazer com essas duas. Ou entram na linha ou queimam-se na lenha. Nessa casa deve haver ordens, isso não é uma sanzala.

**JULIETA** — Está bem, mãe, é só evitar dar cabo a cabeça porque ainda só apanha AVC.

**MÃE** — Já são vinte horas e essas meninas nada? É um perigo meninas estarem na rua a estas horas. Espero que não aconteça nada com elas, meu Deus! Essas meninas só me dão mesmo dor de cabeça.

**JULIETA** — Um instante, mãe, já, já volto, vou só lá fora rapidinho, nem precisa fechar a porta.

**MÃE** — Hum!?! Já vieste? Foi mesmo rápido. Diz-me só, ias fazer o quê lá fora a esta hora, Julieta?

**JULIETA** — Mãe, não fale alto, a Ana e a Paula estão escondidas no quarto de banho, ouvi a voz de uma delas. Se a mãe for bem devagarinho ainda as apanha em grande e arrastá-las cá para dentro.

**MÃE** — Saiam daí, suas mangonheiras...para dentro, já. Pensaram o quê, que iam passar a noite aqui? Acham mesmo que resolveram o problema que vocês provocaram? Não, não, meninas. Isso só está a começar. Hoje vocês vão dizer quem é a vossa mãe, afinal.

**ANA** — Hoje é hoje. Não disse que a raiva da mãe não acaba tão facilmente? Aí está. Vamos apanhar.

**PAULA** — Fica calada, burra. Não piora as coisas. Eu já estou habituada com isso, também não é para tanto. Já tenho dito, a mãe também deveria arranjar um marido, é muito estressada.

**MÃE** — Meninas, nem sequer fizeram o que os orientei, que tipo de filhas são vocês? A vossa irmã mais nova é que faz o trabalho que seria vosso enquanto vocês vagueiam?

**ANA** — Mãe, a culpa é da Paula...

**MÃE** — Cala-te, não pedi a vossa justificação. Hoje vão dormir com fome, ficam já a saber disso. Além disso, amanhã vão irão debulhar quarenta quilogramas de milho e levar à moagem, cozinhar, arrumar

a casa e cuidar da roupa e louça durante duas semanas completas. Ham! Irão também à praça sempre que necessário. Estamos entendidas?

**ANA** — Sim, mãe, mas não é justo que façamos isso enquanto que a Jú fique aí a rir-se de nós. Pelo menos dar as tarefas de ir à praça à Jú também para ela nos ajudar um pouco.

**MÃE** — Agradeçam que não aumentei tarefas..., nem sequer toquei nos vossos corpos, então, não agravem a vossa condição, posso muito bem aumentar no vosso castigo caso continuem a reclamar.

**PAULA** — Isso tudo é por culpa da burra da Jú. Ela vai ver só o que lhe vai acontecer. Ela não vai ficar a rir-se de nós. Temos de traçar um plano para definitivamente acabar com essa brincadeira toda. Se ela desaparecer, vamos ver quem vai mandar mais boca.

**MÃE** — Toquem nela e eu mando-vos para o olho da rua. Aqui ninguém está para ser vossa escrava. Casem também para poderem mandar e fazer as coisas como vos convier, mas saibam que o que não aprenderem em vossa casa, dificilmente conseguirão aprender numa outra casa. Eu sou vossa mãe e sei muito bem daquilo que vos tento dizer. Só quero o vosso próprio bem e nada mais interessa.

**ANA** — Desculpa-nos, mãe, vamos fazer tal como a mãe quiser, estamos arrependidas por tudo.

## CENA V

**PAULA** — Tenho uma ideia, claro, se ainda quiseres colaborar. Se não quiseres, não faz mal, eu trato disso sozinha. Sabes que não tenho preguiça de criar ideias sozinha. E fazer acontecer sem crises.

**ANA** — Não exageres, tá? Que ideia? Apesar do que houve, não vejo razões para vinganças. Afinal, nós mesmo é que não cumprimos com as orientações da mãe. Estou de boa com o castigo, é duro, mas dá para se ajeitar. A mãe mesmo tem razão dessa vez.

**PAULA** — Razão? Aquela velha parece que se deixou mesmo enfeitiçar pela Jú. Se um dia a Jú morrer, vamos ver a quem depositará a porcaria da confiança se não em ti e em mim. Isso é frescura.

**ANA** — São cenas! Cuidado com essa tua raiva, mana. Isso pode afectar a tua saúde mental. Os especialistas alertam sempre para situações do género. Ainda és muito jovem.

**JULIETA** — Agora vou dar uma volta ao rio. Mãe, prometo voltar antes do anoitecer.

**MÃE** — Está bem, filha. Vai lá espairar um pouco. Vai fazer-te muito bem, mereces isso, filha.

**JULIETA** — Está bem, mãe.

**PAULA** — Nossa! Que ideia maravilhosa! Hoje tu vais dizer adeus à mãe porque vais sair e não mais voltar. Eu vou acabar com a tua raça de uma vez por todas. Vais ver só o que farei contigo, lunática.

**ANA** — Paula, por que é que estás aí sozinha no escuro? O que estás por aí a tramar?

**PAULA** — Nada não, Ana. Vamos lá dar umas voltas? Quero ir visitar a Tina, vamos?

**ANA** — Vamos, não temos mesmo nada a fazer. Hoje é domingo. Sei que a esta hora ela também não está a fazer nada, a não ser que esteja na casa daquele cabeçudo do Pedrito.

**PAULA** — Estamos também de saída, mãe.

**MÃE** — Para onde mesmo?

**ANA** — Vamos à casa da Tina. Voltaremos antes do entardecer, prometemos, mãe, por favor.

**MÃE** — Vejam lá se chegam mesmo a tempo. Tu sabes que estás escalada para preparar o jantar, pois não? Espero que não me faças esperar muito, menina, o jantar tem de estar pronto antes das vinte.

**ANA** — Está entendido, mãe. Antes das dezoito horas estaremos de volta, não é, Paula?

**PAULA** — Sim, Ana. Estamos a ir, mãe. Chega de cerimônias. Não estamos a ir ao espaço. Temos noção das nossas responsabilidades e da hora de regresso à casa.

**ANA** — Espera aí, o caminho para a casa da Tina não é esse. Qual é o teu plano, Paula? Diz-me, para onde é que vamos exactamente? Estás muito misteriosa ultimamente. Vê lá o que estás a tramar.

**PAULA** — Chega de questionar. Se não quiseres vir é só falar que te deixo ir embora, assim, só me irritas cada vez. Só estás que nem uma adolescente chata que nem sabe o que quer da vida, tu és adulta para ficar aí toda hora a questionar sobre coisas que são fáceis de se entender, não achas?

**ANA** — Opa! Opa! Já cá não está quem falou. Fica descansada, já não vou perguntar, desde que não sejas misteriosa e partilhes cada passo daquilo que circunda a tua cabecinha oca, combinado?

**PAULA** — Boa menina! Então, vamos continuar com a caminhada. Vamos em direcção ao rio. Vamos procurar por uma diversão, estar sempre na casa da Tina é muito enjoativo.

**ANA** — Não entendi, rio? Nós não pedimos à mãe para irmos ao rio. O que é que a diremos quando regressarmos? Não quero mais mentir para ela. Já chega o que passamos.

**PAULA** — Aie, outra vez? Quem vai contar à mãe que fomos ao rio, tu sua fofqueira medrosa? Relaxa, é só ficares calada e eu mesmo encarrego-me de responder todas as questões que a mãe fizer. Se abrires a boca estragas tudo. Consegues perceber o que te estou a tentar dizer? Tenha calma!

**ANA** — Está bem, se assumes isso, para mim não há problemas nenhum. Vamos nessa, então.

**PAULA** — Aqui está uma mata, yeah? Ninguém faz só uma limpeza básica nisso? Que porcaria. Em época chuvosa passar aqui é uma desgraça. A pessoa banha e depois passa aqui, até chegar em casa fica só tipo não banhou.

**ANA** — Tens razão. Eu assim quando chego em casa tenho que me lavar mais porque esses capins não ajudam para nada. Passa a levar um pano húmido para te facilitar.

**PAULA** — Não tenho lá muita paciência para essas cenas, tu me conheces. Pano assim é para quê? Eu só banho mesmo uma vez. Chego em casa, uso um creme e isso basta.

**ANA** — Rs, rs, rs, rs (risos). És uma suja, yeah? Tudo isso para fugir água tipo és macaca? Nossa! Olha quem está a dar uns mergulhos com este clima bem esquisito só.

**PAULA** — Essa miúda um dia só vamos ouvir lhe violaram, gosta muito de sair sozinha. Nem sequer consegue ter amigas. Aqui mesmo é parar vir sozinha? Só pode ser lunática. Que tal? Vamos guardar a roupa dela? Vamos pregar-lhe um susto, quero ver a cara dela.

**ANA** — Vamos a isso. Ela vai ficar passada quando perceber que as suas roupas desapareceram. Não queria estar na pele dela, yeah? Se fosse comigo, ficaria passada, mas bem passada mesmo.

**PAULA** — Eu também. Eu até seria capaz de dar umas pauladas a quem fizesse isso comigo. A tal pessoal ia falar mal da vida, mas ela merece isso por tudo o que nos fez passar. Até deveríamos sair mesmo daqui com as roupas dela para ganhar mais juízo.

**ANA** — Também não precisas criar tempestade no copo de água. Ela não te fez nada de mal. Apenas estamos a pregar um susto para ela e depois devolvemos as suas roupas. Não é isso que combinamos?

**PAULA** — Olha, olha, está a sair da água. Vamos esconder-nos por detrás desses caniços.

**JULIETA** — As minhas roupas estavam aqui, onde é que foram parar? alguém as levou ou será que um bicho apareceu por cá? Não acho que seja porque se fosse, não teria levado todas as peças de roupa e chinelas. Só pode ser alguém que tenha tirado as minhas roupas.

**PAULA** — Olha a cara dela de preocupada. Consegues ver a cara dela? Rs, rs, rs, (risos). Isso ainda é só o princípio. Vais ver só, sua vadia de uma figa. Estás a me olhar assim? O que é que foi agora? Não me diga que estás arrependida de estar aqui comigo, relaxa só, eu não sou nenhum tipo monstro.

**ANA** — Então, não te posso olhar mais? Que andas muito esquisita isso é pura verdade.

**JULIETA** — Meu Deus, como é que vou para casa desse jeito? Quem tirou as minhas roupas? Poças! Que brincadeira estúpida vem a ser essa? Olá! Está alguém aí? Olá! Está alguém aí? Por favor, chega de brincadeira, estou a morrer de frio, preciso vestir-me, poças!

**ANA** — Rs, rs, rs, rs, (risos). Coitada dela, o frio está mesmo a cascar-lhe a vaidade, dá até para sentir à distância os seus tremeliques. Ai, que coisa! Paula, já podemos sair e entregar-lhe as roupas. Foi bom fazer isso com ela; da próxima vai ficar mais atenta.

**PAULA** — O quê? Já chega? Nem pensar, é não lhe darei as roupas agora. Que morra de frio se quiser. Achas que ela assim já sofreu o suficiente se comparar com o que nos fez?

**ANA** — Já não te consigo entender mais, sério. Faz o que quiseres, eu vou sair dessa.

**PAULA** — Estás bem armada em boa samaritana, podes ir, mas não faz barulho porque sei muito bem o que estou a fazer. A jú é muito dura, já provou isso várias vezes.

**JULIETA** — Dá para ver que a pessoa que levou as minhas roupas não o fez apenas para me pregar susto. Essa pessoa tem mesmo intenção de me prejudicar. Epah, pronto! A mãe vai entender-me, vou cobrir-me de folhas de bananeira mesmo para sair desse lugar agora enquanto não há pessoas a passar.

**PAULA** — É agora, vou acabar contigo agora. Ainda bem que a Ana saiu. Vou atingir por trás da Jú com este pau. Ela nem saberá que sou eu. Vou bater e depois vou correr ao encontro da Ana para que não

pense que foi eu quem bateu a Jú, mas sim uma pessoa desconhecida e rezar que a Ana a encontre.

**JULIETA** — Ai! Vou morrer! Paula, o que estás a fazer comigo? Estás a matar-me por ser a preferida da mãe e não tu? Que mal te terei feito para merecer a morte? Diz-me só. Larga-me, estás a sufocar-me, não consigo respirar em condições, sua demônio. Vou morrer, mas não te deixarei descansar até me seculares também.

**PAULA** — Oh! Afinal, ainda te sobram forças? Morre agora, sua desgraçada imunda. Morre, morre, morre. *Eu... di...sse...que... um... di...a... te... ma... to,... não... du...vi...da...vas... de... mim?* Agora sente a minha fúria, desgraçada.

**ANA** — É o quê, é o quê? Ouvi gritos...Paula, Jú...vocês estão bem? — Está muito silencioso aqui. Onde é que essas meninas se meteram?

**PAULA** — Opa! A Ana está aqui. O que faço com ela? Vou matar ela também, não, a mãe vai desconfiar porque saí com ela. Já a Jú, ela não vai perceber porque a Jú saiu sozinha de casa. Tenho que arranjar argumentos para a Ana e tem de ser já.

**ANA** — Paulaaaaaaaa! Onde estás? Júúúúúúú! Onde estás? Respondam-me, por favor!

**PAULA** — Anaaaaaaaaa, ó Anaaaaaaaaa! Por favor, corre. Estou aqui, vem ver isso.

**ANA** — O que é que se passa? A Jú está a sangrar nas narinas. Meu Deus, ela está morta. Tu mataste a Jú, Paula? Por isso é que estavas a todo momento a dizer que a Jú vai ver, a Jú vai ver, agora mataste a nossa irmã? O que é que fizeste, diz-me agora, diz-me.

**PAULA** — Olha, eu não queria matar a nossa irmã do coração. Ela tentou lutar comigo, bateu-me primeiro para receber as suas peças de

roupa, naquela de puxa, puxa, bateu-se numa pedra e não mais reagiu. Essa marca no pescoço dela é por causa da reanimação.

**ANA** — reanimação?! E agora, o que é que vamos fazer? Como contar à mãe que a Jú está morta?

**PAULA** — Fica calma, vamos tentar encontrar uma resposta rápida. Estou a pensar ainda nisso.

**ANA** — Tenho a plena certeza que planificaste isso faz tempo. Por isso é que decidiste seguir a Jú aqui no rio. Tu és um demônio em pessoa. Tirar a vida da tua própria irmã só porque é mais preferida do que nós? Quanta crueldade, Paula. Deus vai te condenar.

**PAULA** — Ham! Já sei que queres ir contar na mãe. Vai lá contar...ela ficará a saber que architectamos juntos esse plano de matar a filha preferida dela. Vai a correr contar, sua tonta de uma figa. Achas fácil fazer isso? Tem que ser mulher de verdade.

**ANA** — És perigosa! Aie? Envolvete-me nesse plano cruel para saíres inocente, conseguiste de uma vez por todas. Tens razão, a mãe vai condenar-me também, mas fica a saber que cedo ou tarde a justiça estará e cima de ti. A morte da Jú ainda vai dar que falar. O sangue dela não vai jorrar de graça, disso podes ter a certeza, acredita em mim. —Já ouvi muita coisa sobre isso. A mãe sempre falou que tudo pode ficar impune, menos a vida de uma pessoa, quanto mais a vida da nossa própria irmã? Já pensaste bem nisso?

**PAULA** — Cala-te, estás a ver aquele ferro tipo enxada? Vamos usar para fazer uma cova. Eu cavo aqui mesmo na areia e tu tiras a areia. Temos de ser rápidas antes que passe alguém, embora seja domingo. Já imaginaste se alguém nos encontra desse jeito? Vamos ir parar na prisão bem rápido.

**ANA** — Meu Deus! Vamos deixar aqui a nossa irmã sem um enterro digno? Isso não se faz com ninguém. A mãe vai morrer. Tenho muita pena dela, o pai já a deixou sozinha, agora a Jú também.

**PAULA** — Chega de lamentos, desgraçada. Precisamos cavar isso agora, o tempo está a passar, está a chegar a nossa hora de regressar à casa e tu tens ainda a missão de preparar o jantar, ou pensas que a mãe vai preparar por ti? Gostas muito.

**ANA** — Está bem, como quiseres.

**PAULA** — Puxa devagar, vamos lá. Está muito pesada. Comemos o quê no almoço?

**ANA** — Ainda perguntas? Não sabes que quando alguém morre fica mais pesada? Deverias saber disso antes de disferir um golpe na outra, sua amiga de satanás. Tens mesmo coração ou aquilo que está no lado esquerdo é pedra? Tenho dúvidas sobre isso.

**PAULA** — Não me enerves, yeah? Me procura só, vais me achar já, já, ouviste? Vai lá pegar capim tipo de jardim para colocarmos por cima e botamos água para vir germinar e o resto é só inclinarmos um pouco esses ramos, mas com cuidado para não despertar a atenção das pessoas que circulam cá. Vai rápido, já terminamos, precisamos sair deste lugar o mais rápido possível, não achas?

**ANA** — Aqui está...adeus, Jú, minha irmã. Deus te tenha em seu leito. A mãe vai sentir a tua falta e eu também. Um dia nos veremos de lá do outro lado, guarda-me um lugar.

**PAULA** — Chi! Até parece! Estás aí a bancar-se de sentimentalista com essas suas lágrimas de crocodilo. Tu e eu nem sequer há diferenças, somos todas, farinha de milho e do mesmo saco.

**ANA** — Não me faz perder a cabeça. Não vou responder às tuas provocações baratas. Já foi por culpa disso que mataste a nossa irmã. Pensas que és a dona do mundo, pois não?

**PAULA** — Vamos, não olha mais atrás. É melhor te concentrares e não chegares com a tua cara de choramingtona e despertar a atenção da mãe.

**ANA** — Como é que consegues ser esse tipo de pessoa? Diz-me, quero ser perfeita como tu, me podes ensinar? Quem sabe assim aprendo e depois te mato também e ficamos empatados. Não é normal alguém matar uma pessoa e não ter nem um pouco de remorso.

**PAULA** — Queres uma dica? Começa a fumar liamba para seres como eu, perca o teu pai querido e seja destrutada para priorizarem a tua irmã e verás o que é ser demônio. — Estamos a entrar, fica quieta, ouviste? Quietinha para não estragar tudo.

**MÃE** — Incrível, hoje chegaram cedo, pela primeira vez, os meus parabéns, estou simplesmente impressionada. Só falta a Julieta, mas é normal, ela estará aqui dentro de segundos, acredito. — Sabem? Há uma hora tive um mau pressentimento, um pressentimento que só senti quando o vosso pai foi assassinado pelos bandidos...

**PAULA** — Deve ser apenas algo normal e nada mais. Os sinais nem sempre batem certo.

**ANA** — Será Paula? Os sinais da mãe sempre bateram certinho e tu sabes bem disso. Pelo menos sempre que a mãe disse algo semelhante, algo acontece, isso nunca falhou.

**PAULA** — São coisas das vossas mentes apenas. Uh! Vou para o meu quarto, com a vossa licença. Qualquer coisa, estou no meu quarto. Aliás, nem adianta me chamarem.

**MÃE** — Fica tranquila, minha filha mangonheira, por hoje ninguém te precisa mesmo.

**ANA** — Nem para comer precisaríamos de ti. Qual é mesmo a tua função aqui na terra? A única coisa que sabes fazer é criar dores para os outros, que monstruosa.

**MÃE** — O que foi que ela fez dessa vez? Estás muito zangada. As tuas palavras estão carregadas de um ódio tremendo, menina.

**ANA** — Dessa vez nada, mãe, mas ela sempre apronta e a mãe sabe muito bem disso.

**MÃE** — Agora estou mesmo preocupada, onde é que se meteu essa menina? Era suposto estar já aqui. Está escuro e ela nada. Meu Deus, será que aquele pressentimento é através dela? Espero bem que não..., mas é muito estranho mesmo não ter a Julieta aqui agora.

**ANA** — Ela vai vir a qualquer momento, tenha calma, mãe.

**MÃE** — Ó Paula, vamos procurar pela tua irmã. Pega na lanterna, põe casaco. A Ana fica aqui a aprontar o jantar. Não nos demoramos, está bem?

**ANA** — Já voltaram? A Jú?

**MÃE** — Aconteceu algo com a minha filha. Perdi a minha filha.

**ANA** — Mãe, mãe, acorda, por favor! Paula, ajuda a levantar a mãe. Estás a ver o que causaste? Eu avisei. Se a mãe morrer, eu mesmo abro o jogo para a polícia, podes crer! Vai pedir ajuda para a levarmos ao hospital, corre, Paula.

**PAULA** — Está bem, é para já...

**ANA** — Ainda bem que já estás melhor, mãe.

**MÃE** — Sim, a vossa irmã não pode ter desaparecido assim do nada. Alguém a matou. Precisamos saber onde é que a colocaram. Precisamos disso urgentemente porque pode ser que ainda esteja em vida e a precisar do nosso apoio nesta altura.

**PAULA** — Ó mãeeeeeeee!

**MÃE** — Essa é a Paula, o que se passa? Ove, corre, vamos lá ver o que se passa afinal.

**ANA** — É mesmo ela. O que foi, Paula? Estás assustada, o que foi que viste agora? Fala, minha irmã?

**MÃE** — Olha para mim, Paula. Levanta a cabeça, olha nos meus olhos. Estás assim por quê?

**PAULA** — Ana, a Jú está a me chamar. Ela disse que veio me buscar, ela quer me levar também.

**ANA** — Meu Deus! Não fala isso, ove.

**MÃE** — Como assim? Ó Paula, tu é que mataste a tua irmã? Só se for isso. Ove, abre os olhos, explica-me bem isso, não estou a entender. Ana, eu sei que havias saído com a Paula e ao que tudo indica, foi a Paula que matou a minha filha, então, tu também sabes onde é que ela está. Fala agora antes que não acompanhas tua irmã. Vais ficar maluca, fala rápido.

**ANA** — Vou falar, mãe, vou falar mesmo tudo o que aconteceu naquele dia, mas tem de me ouvir.

**MÃE** — Estás à espera de quê, ham!? Não fica aí a chorar, quero saber onde é que vocês as duas puseram o corpo da minha filha, eu sei que tu sabes de tudo. Se não falares vou chamar a polícia agora e vais para a cadeia. Tu sabes que a polícia anda a procura de quem desapareceu

com ela. Olha para o estado da tua irmã, ela vai morrer também, depois serás tu a seguir se não falares agora.

**ANA** — A Paula matou a Jú, mãe. Foi a Paulo que a matou. Estávamos no rio e vimos a Jú a nadar, lá fomos devagar, guardamos as suas roupas e ela depois saiu para procurar pela sua roupa, então, a Paula não a quis devolver a roupa, por fim, frustrada, saí de lá, a Paula ficou e depois só ouvi gritos, quando lá fui e vi a Jú deitada ao chão, a Paula ameaçou-me, ou seja, disse «vou matar-te também ou vou contar à mãe que me ajudaste a matar a Jú» por isso não falei nada à mãe.

**MÃE** — Assim achas que não és assassina? Tu guardaste segredo de uma assassina. Vais ter que ir presa também. Meu Deus, como é que vocês foram capazes de fazer isso com a vossa própria irmã? Que ódio é esse que vos faz mesmo acabar com a vida da pobre inocente da vossa irmã? Onde está o corpo dela? — seria bom se não vos tivesse nascido. Vejam só no que me meteram agora?

**ANA** — O corpo da Jú está debaixo de um ramo junto aos caniços e da areia do rio.

## CENA VI

**POLICIAL** — Minha senhora, infelizmente a sua filha Paula não está em altura de responder em tribunal porque não está bem psicologicamente, no entanto, vamos interrogar a sua filha Ana.

**MÃE** — Está bem, mas que seja depois da realização do funeral se é que me entendem.

**ANA** — Nem sei por que é que aceitei ser cúmplice da Paula. Agora estou aqui na prisão, sem oportunidade de estar no funeral da minha irmã, enquanto que ela está no manicómio. Vida injusta!

**PADRE** — Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amém. Que a sua alma pela misericórdia de Deus descanse em paz, amém. À família, Deus dê amparo, pois Ele mesmo nos dá e nos tira.

**MÃE** — Adeus, minha filha querida. Em breve nos voltaremos a ver lá do outro lado. Muito em breve, pois sem ti nem quero mais viver. Só Deus sabe quanto tempo mais terei que viver assim.

**POLICIAL** — Realmente tu és inocente pelo que contas, mas não entendo por que razão escondeste uma coisa dessas. Ela era a sua irmã, jovem. Aproveita que a tua mãe está aqui a ouvir, sabes quais as reais razões por detrás da morte da tua irmã?

**ANA** — Sim, senhor policial, infelizmente a culpa é da nossa mãe, somente dela, repito sem medo...

**MÃE** — Minha? Como assim minha? Fala a verdade, não agrava mais a situação, achas mesmo que eu mataria a minha própria filha? Wakolwa!

**POLICIAL** — Senhora, tenha calma, por favor, se a voltar a interromper, vou orientá-la que saia mesmo desta sala. Pode prosseguir, jovem. Disseste que a culpa é da sua mãe, certo? Como assim?

**ANA**— Sim, senhor policial. Digo isso porque a nossa mãe tinha preferências, preferia mais ela do que nós as duas, fazia elogios constantes, dava-lhe presentes, ou seja, as melhores coisas eram sempre para ela, enquanto para nós era sempre o resto. — Mãe, nunca notou a guerra entre nós? Sei que já, mas infelizmente sempre fingiu não ver e não ouvir nada. Quando viesse para actuar, era sempre para defender a Jú. Agora diz-me, senhor policial, como se sentiria se estivesse no nosso caso?

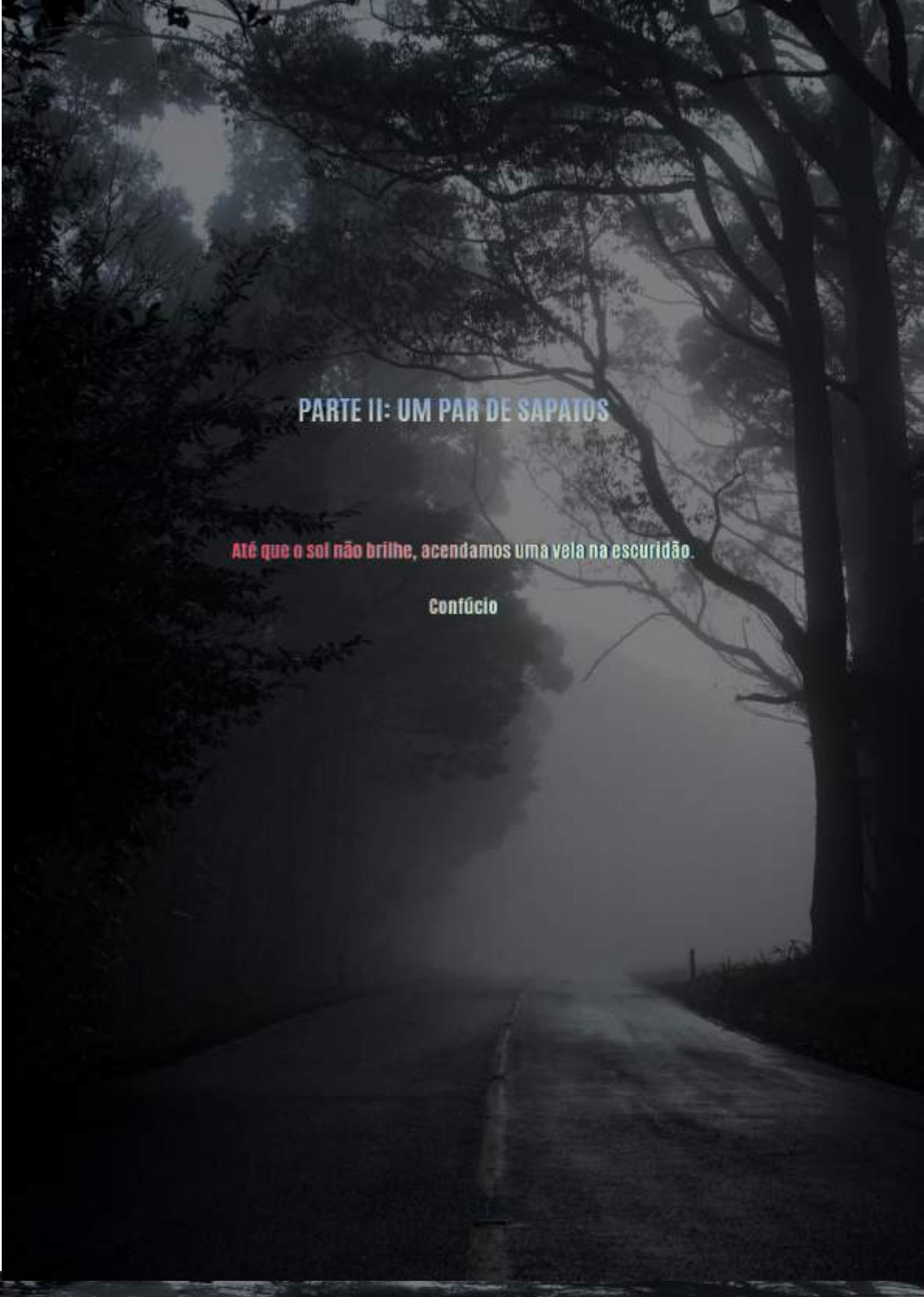
**POLICIAL** — Realmente a senhora falhou. Não pode fazer isso em frente dos filhos, pois, pode realmente gerar mortes e como já gerou. A senhora perdeu o controlo de tudo e deixou que houvesse inimigas dentro de uma mesma casa. Isso é grave demais, até nem sei como a senhora ainda está viva.

**MÃE** — Agora que ela diz isso, realmente tem razão, eu matei silenciosamente a minha filha, não sabia que o ódio nascia no seio das minhas filhas. Tarde demais, perdi as minhas filhas. Então, se alguém tem de ir presa, essa pessoa sou eu e não a minha filha, senhor policial. Estou pronta para tal.

**POLICIAL** — Não, minha senhora, aguardaremos pela recuperação da sua filha Paula para o julgamento. já a pena da sua filha Ana dependerá do parecer do juiz, mas não ficará por muitos anos ao que parece. Jovem, entende algo, o crime não compensa, nunca e nunca.

**MÃE** — Hoje com a vida aprendi que, afinal, não devemos fazer exclusão ou transparecer essa ideia entre os filhos. Devemos dar

igualmente o amor e educar os nossos filhos para que sejam úteis à sociedade.



## PARTE II: UM PAR DE SAPATOS

Até que o sol não brilhe, acendamos uma vela na escuridão.

Confúcio

## UM PAR DE SAPATOS

### CENA I

**MIGUEL** — A mamã está a sair e não diz o que vamos almoçar? Eu vou à escola às doze horas e só regresso às dezoito e trinta, ontem já fui com fome, mamã.

**DONA CALITA** — Miguel, cala-me essa boca, o que queres que eu faça? Queres que me rasgue ao meio? Se quiseres, vai trabalhar, seu malandro.

**MIGUEL** — Deixa estar, mamã. Com licença. Um dia eu vou trabalhar e ainda serei respeitado nesse país.

**DONA CALITA** — Não me faça sorrir, yeah? Essa Angola do jeito que está ainda achas que vais a algum lugar? Nem sonhes.

**MIGUEL** — Até a mamã diz isso? Então, por que é que me obriga a ir à escola? Se for assim, não vou passar mais a ir.

**DONA CALITA** — Não me responde, yeah? Achas que se não fores à escola vais ficar aqui nessa casa? Isso nunca e nunca. Chega de conversa, agora vou arrumar as coisas e ir zungar. Meu Deus, quando penso ir mais ao centro da cidade, consciente que posso nem voltar para casa, a minha cabeça dói e tanto mesmo. Esses policiais e fiscais não param de nos perseguir (...) — Ó meu Deus! Não, isso não está a acontecer, vocês comeram as bananas que reservei para vender? Já não sei mais o que dizer para esses desgraçados. Fiquem a saber que nem sequer terão acesso ao jantar porque esse dinheirinho que sobrou é para o negócio.

**JÚ** — Mamã, não sei quem mexeu aqui, mas acho que o Pedro é que tirou. Vi ele a guardar uma casca de banana no seu bolso e até ficou completamente sujo.

**DONA CALITA** — Não quero mais saber, o importante é que já falei tudo. Não volto a falar disso, estamos entendidos? Continuem com esse vício e veremos onde é que vão acabar. Hoje vocês mexem o que é nosso, mas amanhã irão mexer nas coisas de outras pessoas.

**JÚ** — Mãe, pedimos perdão. Um dia iremos ajuda-la e nem precisará trabalhar e nem mesmo andar às corridas por culpa dos policiais e fiscais. Todos os dias peço a Deus que proteja a minha mãe e faça dela uma super-mulher. Nós somos felizes por ter uma mãe guerreira como a senhora.

**DONA CALITA** — Vem cá, minha garota, não me faças chorar, pareces a minha saudosa mãe a falar. Sempre carinhosa e atenciosa. Seria bom se todos vocês fossem assim. Sim, minha filha, um dia olharemos para tudo isso como história apenas, servirá de biblioteca para consultas.

**MIGUEL** — Pessoa que dizia que já ia embora ainda está aí a conversar? Mas a mamã também?! Deixa só. Assim não nos vai deixar comida para o almoço? Isso mesmo é justo alguém ir à escola com fome?

**DONA CALITA** — Oh, hoje já? Os que foram com fome a escola são burros?

**MIGUEL** — O Pedro comeu o funje que sobrou à noite e ainda a mamã lhe deu uma banana para levar na escola, pensa que não vi tudo?

**DONA CALITA** — Estás a procurar surra, só pode. Saia de frente antes que te parto o focinho. Bem, estou a ir.

**MIGUEL** — Tchau, Dona Calita.

**DONA CALITA** — Miux!

**JÚ** — Até mais, mamã. Mamã, não se esqueça de comprar o sapato do Pedro, aquele que está a usar é do Miguel, o sapato dele descolou completamente.

**MIGUEL** — Sim, mamã, ainda bem que a Jú fez lembrar. Assim, ele nem pode demorar porque se demorar já não tenho o que usar na escola.

**DONA CALITA** — Tu não tens chinelo, Miguel? Usa os chinelos caso ele demore a chegar, só não me falte às aulas por culpa dos calçados. Se eu conseguir vender bem, prometo comprar, mas a princípio só vai dar jeito mesmo se for um chinelo porque é mais barato. Os lucros das minhas vendas são bastante baixos. No entanto, tenho de decidir se compro comida ou sapatos.

**MIGUEL** — Ah, não! A mamã não lembra? Já fiz mais de seis meses com aqueles chinelos, pois já remendei em todas as fitas, troquei as fitas brancas pelas pretas daquelas chinelas da Jú e por muitas vezes usei mesmo na escola, mas agora já não consigo porque os meus calcanhares já estão feridos, criaram calos de tanto andar com os chinelos estragados, tive de colocar um preguinho por baixo, mas à medida que ando vou sentindo picadas, já não sei o que fazer mais, mamã.

**JÚ** — Podias usar as minhas chinelas, mas é uma pena porque as minhas são cor de rosa e não te ficariam nada bem. Além disso, são pequenas se comparadas às tuas patas bem grandes.

**DONA CALITA** — Pronto, pronto, pronto! Um dia ultrapassamos isso. Fiquem bem, meninos. É hora de ir à luta mais uma vez.

**MIGUEL** — E a comida, mamã?

**DONA CALITA** — Comida é a ova! Fui!

**MIGUEL** — Pogos! Hoje não vou à porcaria da escola, aliás, esse país também já tem dono. Ontem já passei todo o dia sem comer e quase caí na escola. Se não fosse o Valdo que me deu um pouco da sua sandes eu já teria entregado a botas há bastante tempo. Ao sair da escola comi tantas mangas verdes caídas ao chão, deram-me também uma certa garra no estômago. Pelos vistos hoje voltarei à mesmíssima história, excepto ao cheirinho daquela sandes de ovo que somente a mãe do Valdo sabe preparar.

**JÚ** — Tu és um exagerado, yeah? E eu não tenho ido com fome à escola? Um dia me lamentei tanto assim? O teu problema é que és muito guloso. Por exemplo, o meu estômago já se acostumou com uma única refeição. Acredito que o dia em que tiver mais de uma refeição ele mesmo rejeitará.

**MIGUEL** — Queres que eu acredito nisso? Tu vais sempre antes do tempo para passares na casa da Leth e sabes bem que a Leth é que cuida das refeições na casa dos seus pais e reserva sempre comida para ti. Quem não sabe dessa história, hein!? Fala mais...

**JÚ** — Uma vez a outra. Sem exageros, yeah? Rsr rsrs (risos). Deixa confessar-te algo, rapaz, a Leth parece aquelas cozinheiras das telenovelas, sabe como ninguém. Ontem, por exemplo, comemos iscas com batatas fritas. Sabes que tipo de comida se trata? Já provaste? Aquilo é outro nível.

**MIGUEL** — Como não te maravilhas se estás habituada ao funje com lombi de abóbora? Claro que nunca provei, mas um dia vou provar muitos outros tipos de comida de gente rica. Ontem a Dana esteve lá a comer umas coisas que se parecem com o chouriço, coisa boa, acredita.

**JÚ** — Como é que falas assim com tanta certeza sobre o sabor? Espera aí, não me diga que apanhaste migalhas daquela gente mimadinha,

rsrsrsrs (risos). Já ganhaste, sabias? Vês quando digo que és guloso? Pois é.

**MIGUEL** — Apanhei e pronto. Mesmo se fosse no teu caso também ias apanhar, aquilo é coisa de outro mundo, acredita.

**JÚ** — Aquilo é mortandela, rapaz. Rsrssrsrs (risos).

**MIGUEL** — Oh, afinal aquilo é que chama mortandela? Ham, te peguei, não se diz mortandela, é mortadela, aquele salpicão grande que vendem nas lojas dos mamadús, Sopprite e Hipermercado KERO.

**JÚ** — Aprendi , meu irmão, mortadela e não mortandela. Comi várias vezes, mas normalmente às manhãs quando ia ao encontro da Dana para as aulas de educação física.

**MIGUEL** — Sabes? Antes o meu sonho era ser piloto, mas hoje o meu sonho é ter em mão uma boa sandes de mortadela, só e só. Ham, não me posso esquecer também de ter roupas de marcas e uns bons sapatos. Se tiver outros, aqueles ofereço no puto Pedro para não se passar a render a todo momento comigo, aquilo irrita-me e tanto até.

**JÚ** — Deixa ser sincera, seu atrapalhado, hoje vou pelo menos concordar contigo nesse aspecto. O meu sonho mesmo além da boa comida é ter aqueles lindos sapatos amarelos e aquele vestido vermelho de seda que a Dana menos usa. Só vendo aquele guarda fato já viajo para o Havaí, imagina agora aquelas peças no meu corpo e pés? Um dia viverei esse sonho se não morrer antes dos trinta porque a esperança de vida em África é cada vez mais reduzida, sei lá por quê.

**MIGUEL** — para, para e para! Assunto encerrado, vamos lá cuidar os trabalhos de casa. Esse tipo de conversa nunca encontra um final feliz e tanto tu como eu sabemos disso. Eu sou muito inteligente e já deverias saber disso há bastante tempo.

**JÚ** — Está certo, mas ainda temos muito para conversar sobre esse assunto, pois não? Miguel, eu sei que és muito guloso, fome de vinte pessoas estás a carregar sozinho. Quem não sabe disso?

**MIGUEL** — Sinto fome porque sou humano. Achas mesmo que se tivesse pequeno almoço, almoço grande e jantar, ia parecer ser um guloso? Só me pareço dessa forma porque só como numa refeição e quando acontece, procuro comer mesmo de tudo, até lamber mesmo na panela.

**JÚ** — Vês? Falas como se estivéssemos em casas diferentes. Eu passo pela mesma situação que tu, mas nem com isso como muito, percebes? Seja um pouco civilizado, yeah? Ser civilizado não precisa de riquezas ou bens materiais.

**MIGUEL** — Civilizado aqui em Angola? Não consegues dar conta que mais vale comer do que ir à escola? A pessoa mata-se a estudar e depois são sempre os filhos de ricos que acabam por ter acesso ao bom emprego, vestem-se da boa roupa e dos melhores sapatos, comem da boa comida e até dormem onde tem ar condicionado e tudo.

**JÚ** — Paramos só com essa conversa...isso não nos vai levar em lago algum, podes acreditar nisso.

**MIGUEL** — Ainda bem, miúda. Essa vida ainda é um castigo para mim, mas entre viver e morrer, prefiro viver porque sei que um dia posso viver a vida dos meus sonhos.

**JÚ** — Sim, meu irmão, mas não te iludes porque se calhar podes nem sequer viver essa tal vida dos sonhos. Continuarás pobre até mesmo à tua morte, ainda brinca só de ilustre sonhador.

**MIGUEL** — Nesse aspecto concordo contigo porque a prova disso é a mamã. De certeza que ela não sonhou chegar na idade em que se encontra com a vida mísera que tem.

**JÚ** — Falas muito, poças! Ainda acho que apesar de tudo isso, ela é uma pessoa muito feliz pelo simples facto de estarmos vivos.

**MIGUEL** — Vivos? De todo esse trabalho e dor de cabeça que a demos diariamente ainda acreditas que somos uma bênção para ela? Duvido muito que ela nos olhe desse jeito.

**JÚ** — Por que dizes isso, não achas que estás a ser bastante extremista? Esse teu julgamento te fará não enxergar o sol e ter mil tropeços. Os bens materiais são se sobrepõem aos imateriais, saiba disso.

**MIGUEL** — Sim, senhora Jú, estou cada vez mais impressionado contigo. Quem te ouve falar fica sempre com a ideia que está diante de uma mais velha. Prontos, fazer o quê? Afinal, é mesmo o destino. Cada um colhe o que planta, ouvi isso numas bandas.

**JÚ** — Nossa! Pela primeira vez na vida consegues provar que realmente conseguiste ouvir algo de jeito nessa tua pobre vida. Se realmente cada um colhe o que planta, então, ponhamos em prática o que a mamã nos ensina para que possamos colher bons frutos.

**MIGUEL** — Eu sei que não tenho sido lá um filho digno de merecer confianças por parte da mamã como tu, mas prometo um dia ajudar a mamã a comprar umas peças de pano e a melhorar esse negócio de bananas.

**JÚ** — Uau! Eu também penso da mesma forma, pelo menos temos isso em comum, Miguel. Parece que ser pobre tem a vantagem porque a humildade é a fiel companheira.

**MIGUEL** — Ninguém nos ajuda a pensar assim senão a mamã que prefere passar fome do que deixar de nos alimentar, mana. Confesso que se fosse comigo, primeiro pensaria no meu próprio estômago e depois é que pensaria nos outros até nos meus próprios filhinhos.

**JÚ** — Conheces um amor tão puro e obstinado como de uma mãe? Duvido que conheças.

**MIGUEL** — Bem, não falo muito porque estaria a errar, mas a mamã deveria viver eternamente, pois falar dela é como se estivéssemos a falar do Anjo Gabriel, Arcanjo, Querubim, etc., é muito pessoa na vida para viver na terra por tempo determinado, não achas?

**JÚ** — É enviada por Deus, é mesmo anjo. Vamos aproveitar aprender com ela porque nunca sabemos até quando poderemos mais ainda viver ao lado dela. Essa vida ainda continua a ser um grande mistério, podes crer, Miguel.

**MIGUEL** — Mas tu já imaginaste o que é acordar todos os dias muito cedo, preparar a casa, lavar montes de roupas sujas como as nossas, alimentar-nos diariamente, mas sobrevivendo através da venda de banana que muitas das vezes nem se vende quase nada.

**JÚ** — E mais, comprar cadernos, batas e garantir roupas e sapatos para três filhos e também pagar propinas até nas escolas do estado, não é para uma pessoa normal. Por isso é que a mãe dificilmente fica gorda, é tanta coisa para uma só pessoa, quanto mais para uma mulher.

**MIGUEL** — Mudando de assunto, já notaste que o Pedro é sempre o mais azarado nos sapatos? Estou lembrado que houve uma vez em que ele voltou da escola a coxear e com a camisa toda borrada de lágrimas, tudo porque a sola do sapato havia estragado de tanto pisar nas pedras da linha dos caminhos-de-ferros. Os seus pés começaram a sangrar e tinha lá até picos grossos de mirangolo.

**JÚ** — Ahahahahaha (gargalhadas). Como não me lembrar daquele dia? Eu já nem sabia se ia chorar por pena ou rir por graça. Espera só, um dia isso vira história e contaremos aos nossos próprios filhos, podes acreditar nas minhas palavras. Por isso é que até hoje ele só sonha

mesmo com um par de sapatos. Usar sapatos grandes é uma coisa muito chata.

**MIGUEL** — Falas por experiência, Jú?

**JÚ** — Claro, eu se consigo alguns sapatos, é graças as filhas da tinha Dina que ainda têm a paciência de me oferecerem os sapatos velhos sempre que conseguem novos sapatos, senão seria um verdadeiro calvário para mim também. Até ao ano passado, já por várias vezes fui com um dos pares de sapatos da mãe. A parte boa é que por eu ter um pé grande, conseguia sentir-me muito confortável.

## CENA II

**DONA CALITA** — Meu Deus, está a ficar tarde e ainda não vendi quase nada. Ao invés de vender 3 bananas a duzentos kwanzas, melhor pôr cinco a duzentos kwanzas porque se essas bananas voltarem para casa já não serão aproveitadas. — Arreou, arreou...chega na banana, era três a duzentos kwanzas, agora baixou para cinco a duzentos kwanzas. — Uff! É melhorar retomar para casa.

**LADRÃO** — Xé mamóite, para aí... dá o kumbú todo agora senão vais cair agora mesmo e não estou a brincar, meu nome é 2 KEDAS.

**DONA CALITA** — Ove, ó moço, queres o quê comigo? Eu sou uma zungueira honesta, nunca roubei nada de ninguém. Sou pobre e tenho vários filhos em casa para cuidar.

**LADRÃO** — Passa a massa, estás a falar muito. Vais cair... (pu,pu, pu).

**DONA CALITA** — Moço, estás a me deixar cair mesmo assim? Olha só o que fizeste com as bananas e a comida para os meus filhos, olha.

**LADRÃO** — Eu avisei, não avisei, mamóite?

**DONA CALITA** — Está aí tudo, leva mesmo.

**LADRÃO** — Pensaste o quê? Levas mesmo quedas. Podes me amaldiçoar, isso comigo não funciona, eu sou bué duro. Na prisão eu entro e saio bem rápido e os bongós não entendem nada, nadinha, estou a te dar dica, mamóite.

**DONA CALITA** — Não tens pena de mim? Os ricos do país andam à solta, eu já é que tenho dinheiro que dá para roubar? Não vês que eu só vendo banana?

**LADRÃO** — Cala já essa boca senão eu te espeto já uma bofetada. Ainda vou rebentar umas bananas. Pogos, essas bananas também estão só bué gato.

**DONA CALITA** — Deus te perdoe, moço. Nem sequer sabes o que fazes, estás já fora de ti mesmo. Um dia vais te lembrar disso tudo que me estás a fazer.

**LADRÃO** — Agora vou mesmo pisar essas bananas todas e vou partir essa bacia bem suja só, queres ver? Eu sou bué maluco, a única pessoa que respeito nessa vida é a minha velha porque é a única pessoa nessa face da terra que consegue me ouvir.

**DONA CALITA** — Ene a Suku yange! Só o Senhor mesmo é quem sabe. Não sei que mal fiz no passado ou que mal os meus antepassados terão feito para eu estar a pagar isso tudo. Me tire a vida, Senhor, já não me resta mais nada. O que oferecer aos meus pobres filhos? O que oferecer? Jovens bonitos mesmo passam o dia a fazer mal às pessoas, por isso, são totalmente amaldiçoadas e acabam por morrer dispersos e deixam problemas para os seus familiares.

**CENA III**

**DONA CALITA** — Ai, meu Deus, o meu corpo está dorido. Estou totalmente cansada. O que dizer aos meus filhos? O que é que vou dar para que eles possam comer? Ajuda-me, meu Deus.

**PEDRO** — A mamã veio! Mamã, me trouxeste lá aqueles bolinhos pequenos bem doce? Deixa levar a bacia, mamã, posso?

**DONA CALITA** — não precisas levar a bacia porque não está pesada. Não trouxe nada, nadinha de bolinhos, meu filhinho, hoje o negócio não correu bem, mas tem aqui essas duas bananas partidas. Tira uma metade e as outras entrega nos teus manos.

**PEDRO** — Está bem, mamã. Ó Miguel... Ó Jú...poças, esses também tipo são surdos. Ó Miguel...

**JÚ** — O que foi, ó barulhento? Não consegues chegar mais próximo? Estou aqui a tentar fazer a minha tarefa, amanhã tenho educação física e não terei mais tempo de resolver isso.

**PEDRO** — É para te dar essa metade de banana.

**JÚ** — Quem te deu isso? A mamã já chegou? Onde é que ela está?

**PEDRO** — está sentada lá fora, parece muito cansada, está a coxear, está andar tipo caiu ou se bateu num sítio.

**JÚ** — Não diz isso, Pedro. Estou a vir... Mamã, o que se passa? O Pedro disse-me que estás a coxear. Deixa levar a bacia lá dentro. Chegaste muito tarde e vendeste tudo. Então, hoje o dia foi muito bom, não? Mas, onde está a comida para o jantar, mamã?

**DONA CALITA** — Tem calma, menina, já levei lá dentro, hoje mesmo eu cuido da refeição. O que é que estavas a fazer?

**JÚ** — Está bem, mamã, ainda bem, já não ia mesmo cozinhar hoje porque tenho uma tarefa escolar que preciso concluir.

**DONA CALITA** — E é mesmo nessa escuridão? Esse candeeiro não ilumina quase nada, isso vai te deixar cega, minha filha.

**JÚ** — Mamã, não tenho outra escolha, pois o meu professor nunca vai aceitar que eu não tenha feito a tarefa por causa da falta de energia em casa. Quase todos os meus colegas têm energia em casa.

**DONA CALITA** — Está bem, da próxima vez podes ir passar a noite na casa da tua tia e aproveitar a energia para fazer a tua tarefa.

**JÚ** — Está bem, mamã. Agora deixa-me ir cuidar da tarefa.

**DONA CALITA** — Vai, minha filha, faz o que a tua mãe não conseguiu fazer por vários motivos. Tu é a minha última e única esperança.

**MIGUEL** — Boa noite, mãe, não estou a ver nada, quem está a fazer o jantar? Não me digam que hoje não se janta nessa casa, por amor de Deus.

**DONA CALITA** — Ainda bem que vieste, filho, vai acender o fogareiro, põe um pouco de palha para acender rápido, yeah? Claro que haverá jantar nessa casa. Meu filho, tu sabes que o jantar é mais sagrado que o almoço, então, fica descansado que eu trato disso, mas primeiro cumpre com que te estou a orientar, estamos entendidos ou não?

**MIGUEL** — Assim mesmo só porque perguntei agora tudo resta para mim, não é? A Jú e o Pedro estavam mesmo aqui, mas nem sequer acenderam o fogareiro, isso não é nada justo, mamã. Estou totalmente cansado, estudar distante é muito complicado. Da próxima vez não dá só para dá só para me meter numa escola mais próxima de casa?

**JÚ** — Cala essa boca e acende o fogo, andas muito também. Todo sujo tipo rebolou-se na lama.

**MIGUEL** — Não me enerva, yeah? Não estou a falar contigo, deverias é manter essa boca calada. Dizes isso porque não sentes a canseira, eu sinto e pronto.

**PEDRO** — Sim, mamã, eu também quero estudar próximo de casa. Quase todos os dias volto da escola a coxear, já não aguento mais. Se for assim, pelo menos me comprem só um par de sapatos novos porque até onde estragar já estudei lá bué.

**DONA CALITA** — Ove, ainda não me vêm mais com esse assunto, por favor. Eu já havia dito que quando tiver dinheiro vou comprar os novos sapatos para ti, Pedro. Quanto à escola, agora não posso fazer nada porque as escolas próximas são colégios e eu não tenho como passar a pagar as vossas propinas. Não fiquem tristes, um dia hão de estudar nas melhores escolas do país.

**JÚ** — Estás satisfeito agora com a resposta, Miguel? Vês como deixaste a mamã triste? Achas que se desse, todos nós não estaríamos a estudar com todo o material necessário? Quem levaria os cadernos na lata de leite NIDO? Quem estudaria debaixo da árvore? Quem sentaria na lata? Quem iria à escola de chinelo? Quem usaria sapatos grandes do irmão mais velho?

**DONA CALITA** — Não liga, meu filho do coração, vai lá cuidar do fogo para prepararmos o nosso jantar. A tua irmã gosta de vos pôr a reflectir, nada demais.

**MIGUEL** — Mas não sou eu que vai preparar, pois não, mamã?

**DONA CALITA** — Tu sabes cozinhar alguma coisa, Miguel? Vai, acende o fogo e depois chama-me para preparar a comida, está bem?

**MIGUEL** — É para já, mamã. Isso será feito numa rápida, vais ver só como sou bem rápido... Ó mamã, o Pedro está a roubar bananas, encontrei-o por detrás a porta com a boca completamente cheia.

**PEDRO** — Me larga, a mamã é que me deu. Está aqui a tua metade. Só estou a fazer do jeito que a mamã me orientou, não pensa que deram para ti.

**MIGUEL** — Como assim metade, estás a gozar comigo só pode. Por isso é que estás aqui por detrás da porta, seu bandido, vais apanhar no focinho.

**DONA CALITA** — Deixa o outro, as bananas são dele, apenas pedi que partisse um pouco para ti e para a tua irmã. Aí até não tem mais coisa de se partir.

**MIGUEL** — A mãe gosta muito de fazer separatismo, isso não é bom e a mãe sabe muito bem disso. Da próxima eu é que vou dividir para eles também.

**JÚ** — Todo esse escândalo por causa de banana machucada? Tens coragem, oko mba. Se do jeito que lutas na hora da comida também te envolveses nos trabalhos de casa, principalmente na lavagem da louça seria muito bom para todos.

**MIGUEL** — Não me complica mais a vida, ó Jú. Cuida só bem da tua tarefa que eu cuido da minha vida. Estás a meter-te demais no meu caminho hoje. Comeste uma agora eu é que como metade, não é? Aqui gozamos todos dos meus direitos fica já a saber disso, maluca.

**DONA CALITA** — Chega! Parem já com isso. Miguel, vai cuidar do que te mandei e seja rápido, estamos entendidos?

**MIGUEL** — Sim, mamã.

**PEDRO** — Mamã, hoje viste quantos carros na cidade?

**DONA CALITA** — Bué, meu filhinho. Nem os meus dedos chegam para contar todos os carros que vi hoje. Carros grandes, pequenos, amarelos, vermelhos, brancos, petos, azuis, para não falar das motos e bicicletas. A cidade está cheia de carros que nem vale apena.

**PEDRO** — Uau! Vou estudar, mamã, se um dia for alguém, vou te comprar lá um carro verde. Gostas de carro verde, mamã?

**DONA CALITA** — Ene! Muito obrigada, meu mano. Estuda mesmo., meu filho para um dia seres alguém. Eu gosto de carro verde sim. Vai ser muito bom poder conduzir um carro comprado pelo meu filho que tanto amo. Não haverá alegria maior.

**PEDRO** — Ainda bem, o meu vai ser um preto tipo do pai do meu colega. O carro do pai dele as portas se fecham sozinha. Hoje tentei pegar um pouco no carro deles, o pai dele começou a gritar comigo e disse que estava a sujar e riscar o carro. Então, depois desceu do carro com uma toalha e um produto dum frasco para limpar onde peguei. Aquilo já nem ficou sujo, só toquei lá com três dedos ele já ficou chateado.

**DONA CALITA** — Opa! Coitado do meu filho! E como é que te sentiste, meu filho? Choraste muito quando ele te falou?

**PEDRO** — Chorar, por quê, mamã? Ele não me bateu, apenas disse « se esse carro estragar o teu pai nem vai ter condições de pagar nem que trabalhar por trinta anos». A mãe do meu colega depois é que lhe disse para não falar comigo daquele jeito por eu ser apenas uma criancinha e não um adulto qualquer que sabe o errado e o certo.

**DONA CALITA** — Esse é o meu garoto. Vem cá dar um abraço na mamã. Tu és um bom menino.

**MIGUEL** — Mamã, o fogo já está bem aceso. Uff! A minha missão acaba de terminar finalmente. Não foi nada fácil fazer pegar esse fogo ainda mais devido a essa umidade toda. Poças, sou mesmo pai grande, deveriam me chamar de Homem-Fogo ou pelo menos Mestre do Fogo.

**DONA CALITA** — Está bem, pode já ir brincar. O luar já brilha lá no firmamento. Pedro, acompanha o Miguel, vai brincar um pouco com os outros. Esse fumo do plástico vai fazer-te mal, isso causa tosse. Ainda não quero mais doentes nessa casa, por favor.

**PEDRO** — Oba! Miguel, espera por mim, vamos lá brincar escondido, até podemos convidar o Teu, o Francisco, a Mara, a Joaquina e aquele cabeçudo do Aniceto. Eu sei que não vão negar porque gostam muito disso. Mas já estou a ocupar, não serei a primeira pessoa a contar.

**MIGUEL** — Tu és sempre assim, gostas muito de ocupar primeiro, quem não te conhece nunca brincou contigo.

**PEDRO** — Não fala mais à toa, Miguel, já ocupei e pronto. Agora vamos lá correr na casa deles.

(...)

**DONA CALITA** — Meu Deus, dá-me forças. Nem sei o que dar de comer nessas crianças. Aquele ladrão maldito levou-me o pouco que havia comprado para os meus filhos. — Meu Deus, que não seja vã essa lágrima que se forma no canto do meu olho. — Bem, tenho de traçar um plano, vou pôr a panela ao fogo com uma pedra por dentro e água suficiente, mas não posso sair perto da panela e nem permitir que cheguem perto.

**JÚ** — Mamã, o que é que estás a cozinhar desde aquela hora? Sinto apenas o cheiro da cebola e mais nada. Posso saber ao menos o que tem nesse fogo?

**DONA CALITA** — Espera para veres, filha, não seja muito curiosa, pois a curiosidade matou o gato rrsrrsrs (risos). Vais gostar da comida, tenha um pouco de paciência. Coisas boas levam tempo necessário para estarem prontas, nunca ouviste isso?

**JÚ** — Aie, mamã? É muito mistério nisso, mas estou mesmo curiosa para saber o que andam aí a cozinhar, afinal, ao longo do dia mal comi.

**DONA CALITA** — Está bem, tranquila. Repito, vais gostar da comida que vou fazer para vocês hoje.

**JÚ** — A mamã está a lacrimejar? O que é que se passa, mamã? Hoje estás muito estranha. Última vez que vi a mamã com este ar de poucos amigos os malditos policiais haviam levado todo o negóci...

**DONA CALITA** — Jú, vai lá ver quem está a gritar lá fora, não é o Pedro nem nada? Parece ser ele, não é? Assim já andaram em pancadarias com o teu irmão Miguel.

**JÚ** — Sim, mamã, vou lá ver o que se passa, pode ser que o Miguel, traquinas que é, terá batido nele ou então se terá ferido. Já volto, mamã.

**DONA CALITA** — Uff! Ainda bem que já se foi, essa miúda faz muitas questões. Ainda ia só descobrir tudo. Agora é que vai, como é que vou fintar essa gente que não para de reclamar?

**MIGUEL** — Eh! Esse jantar ainda não está pronto? Será que estão a cozinhar pedra ou o quê? Pelos vistos hoje parece que vamos jantar muito tarde.

**PEDRO** — Mamã, eu tenho muita fome. Saímos só bem rápido, até que a brincadeira estava muito boa. O problema é que o Miguel é muito batoteiro. Chegou a vez dele de contar, como sempre, acabou por fugir, por culpa dele a brincadeira terminou mais cedo. Agora estamos aqui e a tal comida ainda nem está pronta. Vou deitar aqui nesse banco enquanto espero, estou cansado, corri muito.

**MIGUEL** — Rsr rsrs (risos). Batoteiro eu? Estás a me confundir, não é? Viste como vos dei bué de fintas? Não é nada fácil me apanhar. Não sou que nem tu todo molenga tipo janta papa de fubá limpa.

**JÚ** — O barulho começou nessa casa. Ainda bem que já terminei a minha tarefa, agora estou muito mais aliviada. O professor José amanhã vai sentir essa minha bravura como a de sempre. — Mamã, nada? Miguel, vem ainda ajudar a pegar o candeeiro enquanto aproveito arrumar a minha cama.

**MIGUEL** — Só agora? A nossa já está bem arrumada.

**PEDRO** — Eu também vou lá no quarto ajudar arrumar a cama da Jú, assim, evito esperar muito por essa comida que nunca fica pronta. Mamã, assim que a comida estiver pronta é só dar um sinal que nós viemos logo a correr.

**DONA CALITA** — Está bem, meninos, podem ir cuidar das vossas camas antes que não durmam com os lagartos. — Ainda bem que foram dormir, assim, é menos chatice para mim.

**PEDRO** — Mamã, ainda não está pronta?

**DONA CALITA** — Ainda estou a pôr um pouco de água, falta pouco, meu filho. Quando estiver pronto eu mesmo vou chamar-vos. Ou querem comer algo que nem cozeu e depois vai fazer-vos confusão no estômago? Querem ficar doentes?

**PEDRO** — Não, mamã. Vamos só esperar.

**DONA CALITA** — Ainda bem, esperem mesmo até que isso fique pronto para ser bem deliciada.

**PEDRO** — Miguel e Jú, vamos ainda desenhar um pouco, essa comida não será agora, ouviram o que a mamã me disse há pouco tempo? Ainda acrescentou mais água na tal comida.

**MIGUEL** — Sério? Já não estou a gostar mais disso também. Só porque aqui não há nenhum relógio, acredito que essa hora já devem ser vinte e uma ou até mesmo vinte duas. Está rijo isso.

**JÚ** — Respira, rapaz, já nos vão chamar. Pega aí uma folha branca e lápis para desenharmos. Eu desenho flores e vocês podem desenhar casas ou carros. Vamos ver quem é mais craque, yeah?

**MIGUEL** — Só faço isso se o prémio do vencedor for metade da comida dos perdedores. Que tal?

**JÚ** — O quê? Tu és um autêntico batoteiro, yeah? Onde é que vais parar com esse teu desejo excessivo na comida, hein!? Não tenho receio quanto a isso. Concordas com essa ideia absurda do Miguel?

**PEDRO** — Aceito, mana. Vou desafiar esse gajo do Miguel que mal sabe pegar o lápis em condições. A mamã já disse que eu sou muito melhor do que tu na escrita e também no desenho e hoje vou provar isso. Vamos ver quem é o pai grande afinal.

**MIGUEL** — Oh, aie? Prova isso então, seu cabeçudo de uma figa. Achas que é fácil derrotar um Miguel desse? Ainda és um garoto, rapaz. (...)

**DONA CALITA** — Está muito silencioso aí, parece que essa gente finalmente pegou sono. Agora só rezo que não se espantei ao longo da noite. Vou lá checar se há alguém acordado. Meninos, meninos, meninos? Graças a Deus dormiram todos, agora vou leva-los aos seus quartos, remover a pedra da panela e apagar o fogo. Pela manhã vou lá resolver isso.

**DONA MENA** — Vieste muito cedo, o que é que se passa, mana? Quem está doente dessa vez?

**DONA CALITA** — Ninguém está doente graças a Deus, mana. Infelizmente ontem quando me separei de ti fui assaltada por um jovem e levou-me tudo, mas tudo mesmo e, como se não bastasse me deu alguns pontapés.

**DONA MENA** — O quê? Como assim? E os meninos comeram o quê na noite passada, minha mana?

**DONA CALITA** — Nada, mana, nada mesmo. O que é que fiz de mal? Diz-me ainda, mana. Não aguento mais viver assim.

**DONA MENA** — Olha, já venho... — Mana, aqui está essa fuba e esse peixe que restou ontem. Prepara mesmo já uma comidinha quente para eles bem antes de despertarem porque não podem ir assim na

escola. Assim como é que as crianças vão assimilar? Essa vida está cada vez mais difícil.

**DONA CALITA** — Sim, mana. Deus te pague, já não tenho mais como agradecer porque também já não sabia a quem recorrer depois disso tudo que me aconteceu ontem. A vida prega-me com cada situação que já nem sei por onde cair morta.

**DONA MENA** — Ove, ó mana, não fala mais, vai já lá cuidar da comida das tuas crianças, elas precisam de ti mais ainda.

**DONA CALITA** — Sim, mana. Mais logo nos encontramos. Parece que hoje vou procurar fazer fiado dom juro naquele militar cheio de manhas tipo a pessoa não vai devolver o dinheiro. Quero tentar recomeçar o meu negócio o mais cedo possível senão as minhas crianças vão padecer. Até mais.

**PEDRO** — Mamã, quero comer.

**DONA CALITA** — Bom dia, mano. Dormiste bem? Já nem sequer consegues saudar mais a tua mãe? Estou apenas aquecer a comida, afinal, vocês ontem acabaram por adormecer. Ainda cheguei no vosso quarto chamei por várias vezes e nem sequer vocês respondiam.

**PEDRO** — A mamã terminou de cozinhou muito tarde, nós não aguentamos e, por isso, acabamos mesmo por adormecer.

**MIGUEL** — Bom dia, mamã. Ainda bem que a comida já está aí prontinha. Mamã, começa já a nos servir enquanto está quente. Não vamos esperar mais a tal comida ficar fria.

**JÚ** — Bom dia, bom dia. Dormiram bem? Agora é que está a cheirar bem. Hum!? O guloso da família assim já quer aprontar das suas. Isso é um vício que para alguns jamais vai parar.

**DONA CALITA** — Como assim serve já? Vão lá fazer higiene pessoal. O Pedro tem de se lavar primeiro porque vai à escola. Jú, ontem esse menino tomou banho ou continua a fugir água?

**MIGUEL** — Está bem, mamã, é para já, mas vai ser bem rápido porque é apenas a cara porque até onde sei aqui quem tem escova de dentes é só a mamã e a Jú. A Jú também só conseguiu quando ia gozar férias na tia Anita.

**DONA CALITA** — Não diz mais isso, ove. Podes sempre usar um pauzinho ou ramo de goiabeira para lavar a boca. Vamos fazer mais como? Aqui é decidir se compramos comida ou escova. Para piorar, ainda tem de se comprar mais o tal pepsodente. Aguentem só, um dia isso tudo vai acabar.

**JÚ** — Não, mamã. Cheguei um pouco tarde da escola, por isso, apenas lhe lavei os pés, mãos, braços e a cabeça. Infelizmente queria também lavar a bata dele para que secasse durante a noite, mas não deu jeito porque o sabão era apenas um pedacinho e já não chegou para mais nada.

**DONA CALITA** — Está bem, filha, não faz mal. Pedro, hoje vais te lavar mesmo sem sabão, mas amanhã já teremos sabão, está bem?

**PEDRO** — Está bem, mamã.

**DONA CALITA** — Quem já lavou a cara pode já vir aqui comer. Daqui a pouco vou sair, quero encontrar a casa arrumada. Para o almoço podem fazer essa fubá. Não ponham muita água porque a fubá pode nem chegar.

**JÚ** — Está bem, mamã. O conduto?

**DONA CALITA** — Já me estava a esquecer. Ainda vão comer com o quê mesmo? Vão na vizinha Manuela e pedem um pouco de rama, o resto vocês sabem como preparar isso. O óleo está lá no cantilzinho de

água mineral. Agora usem tudo para passarem a noite com fome, yeah? Aqui já não há mais óleo nenhum.

**JÚ** — Entendido, mamã, faremos como orientou.

**PEDRO** — Mamã, quem me vai vestir?

**DONA CALITA** — Tu nem estás limpo, vamos lá para te passar água. Não vais sair daqui desse jeito, meu filho, vamos lá para te passar água.

**PEDRO** — Outra vez na água? Isso está mal, oko! Então, passem a me lavar todos os dias também.

**MIGUEL** — Esse mesmo só se despejou água. Do jeito que está nem sei mesmo se usou água ou então é apenas cuspe rrsrsrs (risos).

**JÚ** — Deixa o outro, tu também és assim e até pior que ele. Quantas vezes fugiste tomar banho pelas doze horas? Ele ainda tem razão por ser de manhã e fazer frio. O teu caso é mais esquisito ainda.

**MIGUEL** — Deixa-me comer, não quero confusão com ninguém, yeah? Acordei sem disposição para discutir com quem quer que seja. Não é nada fácil passar a noite com fome e ainda ter voz para falar.

**DONA CALITA** — Miguel, meu filho, vem emprestar de novo os teus sapatos para o teu irmão usar na escola. Ele não pode faltar nas aulas por falta de sapatos. Se a escola fosse próxima ainda daria jeito de ir descalço, mas por ser distante tem mesmo de usar os teus sapatos porque há muita pedra, cacos e picos no caminho, além disso, os pés dele já estão a sangrar.

**MIGUEL** — Ó mamã, ontem ele levou e demorou muito. Quase que fui descalço. Não sei como fazer.

É melhor avisar a ele para não demorar mais tipo ontem porque também preciso dos meus sapatos.

**DONA CALITA** — Está bem, filho. Pedro, ouviste o teu irmão? Tão logo saíres tens de voltar rapidamente em casa porque senão amanhã o teu irmão já não te vai mais emprestar os sapatos.

**PEDRO** — Sim, mamã. E hoje não vou levar nada para lanche?

**JÚ** — Ó Pedro, tu já tens levado lanche na escola? Desde quando é que te preocupas em levar algo na escola? É melhor adiantares, está a ficar tarde.

**PEDRO** — Toda hora é só ficar lá a ver os outros a comer alguma coisa e eu não? Só fico lá a engolir saliva à toa. Pelo menos uma banana.

**DONA CALITA** — Sim, tens razão, meu filho, mas hoje não tenho nada para te dar. Prometo que amanhã vais levar até duas bananas grandes, eu prometo-te, está bem, meu filho do coração? Não viste que ontem a mamã nem sequer voltou com bananas na bacia? Aliás, não foste tu que recebeste as bananas machucadas? Pois é, eram apenas aquelas que haviam sobrado.

**MIGUEL** — Olha para a cara dele, estás mau? Aqui ninguém é mágico para te dar aquilo tudo que queres. A vida está dura para todos. Eu já nunca levei nada na escola.

## CENA IV

**DONA CALITA** — Bem, agora estou de saída. Fiquem bem e cuidem-se, meus filhos. Dediquem-se aos estudos enquanto podem, o tempo é mesmo este.

**JÚ** — Sim, mamã. Vai bem.

**MIGUEL** — Mamã, não se esquece de comprar os sapatos do Pedro, quem que for pelo menos um par de chinelos se não der.

**DONA CALITA** — Está bem.

(...)

**DONA CALITA** — Bom dia, mano Francisco. Como vai a saúde? Ainda bem que te encontrei, hoje é meu dia de sorte. Estava mesmo aqui a questionar-me se ia te encontrar ou não. O mano também é um homem de muitos ofícios, por isso, dificilmente fica em casa, não está que nem nós.

**SR. FRANCISCO** — Bom dia, mana Calita. Tudo bem por aqui e lá em casa como estão? Se é uma sorte me encontrar, então, tens de passar a orar por mim para que esteja sempre vivo para que tenhas mais sorte. Não, não, sou uma pessoa normal tal como vocês. Fazer negócio é também uma grande ocupação e não se pode ignorar essa realidade.

**DONA CALITA** — Aka! Sempre com boa disposição, mano. Precio de novo daquele sistema, mano Francisco. Vou a tempo ou nem por isso?

**SR. FRANCISCO** — Mas mana Calita, já sabes como é que são os juros, pois não? Tiras cinco mil kwanzas e terás que trazer sete mil e quinhentos, se lewares os dez mil que precisas, terás que devolver vinte. Vais mesmo conseguir?

**DONA CALITA** — Vinte mil é muito, mano, pelo menos quinze mil, faz favor.

**SR. FRANCISCO** — Quinze? Estás de brincadeira, mana. Só posso descontar dois mil e quinhentos kwanzas. É pegar ou largar, mana. Agora, o que me dizes, aceitas ou não? Tenho outras pessoas à espera também.

**DONA CALITA** — Então, me dá só sete e meio. Quanto é que devolvo mesmo?

**SR. FRANCISCO** — Está bem, tu é que sabes, mana. Vais devolver doze e meio por seres já uma cliente minha e por saber que a vida não te corre nada bem. Já pensaste onde ir tirar dinheiro caso o negócio morra?

**DONA CALITA** — Sim, já. Pode dar só, mas tem de ser já agora porque quero aproveitar caular a banana e vender já para levar comida para os meus filhos.

**SR. FRANCISCO** — Está bem, mana. Conta aqui: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete e meio. Certo? Muito bem, estamos conversados então.

**DONA CALITA** — Obrigada, mano. Até mais.

**SR. FRANCISCO** — Boa sorte aí. Tomara que consigas levantar o teu negócio para me pagares.

## CENA V

**SRA. ROSA, GROSSISTA** — Olha, hoje temos pouca banana, o que temos mais aqui é ananás e maçarocas. As bananas que aqui estão já não vão chegar até à tarde porque estão muito maduras.

**DONA CALITA** — Senhora Rosa, posso ver o estado das mesmas?

**SRA. ROSA, GROSSISTA** — Sim, vamos lá ver. Se quiseres, tu mesma podes dar o preço de compra.

**DONA CALITA** — Oh, estão dessa forma? É muito atendendo àquilo que pretendia adquirir para hoje, senhora Rosa.

**SRA. ROSA, GROSSISTA** — Aie? Vais conseguir comprar? Então, dá o teu preço porque estava para ir deitar isso ainda hoje.

**DONA CALITA** — Tenho uma ideia, senhora, que tal eu pagar o ananás enquanto que o da banana pago logo à tarde? Prometo voltar, a senhora conhece-me muito bem, sou uma cliente habitual nessa fazenda, não vou falhar a senhora.

**SRA. ROSA, GROSSISTA** — Claro que podes fazer isso. Estás à espera de quê? Tira isso daqui antes que mude de ideia.

**DONA CALITA** — Ainda bem que aquela senhora aceitou o meu pedido. Como essas bananas podem estragar, vou meter seis a duzentos kwanzas, assim, vendo mais rápido. Acredito que vou conseguir obter resultados desejados.

**DONA MENA** — Uau! Mana, hoje carregaste muito, até alugaste esse senhor para te ajudar a levar? Espera aí, onde é que conseguiste banana se lá na senhora Rosa não tem? Aqui estão a perguntar muito, essa banana daqui a pouco vai acabar. As que eu tinha acabaram há bastante tempo.

**DONA CALITA** — Sim, mana. Hoje arrisquei tudo. Era o melhor que podia fazer depois do que me aconteceu ontem. Aie? Ainda bem que estão a perguntar porque preciso muito despachar isso.

**DONA MENA** — Vês? Não avisei? Essa gente come muita banana. Essas que estão muito maduras chegam a ser mais doces. Não é o que eles sempre falam? Isso tudo vai acabar daqui a pouco, vais ver só, mana. Essas pessoas comem muita banana.

**DONA CALITA** — Deus te ouça, minha mana. São muitas despesas por se fazer e nem sei onde começar. Hoje se não levar o par de sapatos ou chinelos a meu Pedrinho morrerá. Nem quero ainda pensar nisso porque como sabes, também não há comida em casa.

(...)

**DONA MENA** — Vês? Não disse que ia acabar?

**DONA CALITA** — Aka! Nunca vendi tanto como hoje. Agora vou sair para ir levar algumas coisas lá para casa, mana. Controla só no meu negócio, mana. Vou tentar ser mais rápida possível.

**DONA MENA** — Corre, mana, não esqueça de levar comida para o almoço das tuas crianças porque não podem ir à escola com fome.

**DONA CALITA** — É para já, mana. Até logo.

(...)

**SRA. ROSA, GROSSISTA** — Boa tarde, senhora Rosa. Estou de volta. O que é que pretendes agora? Não combinamos que virias cá depois de venderes tudo? Este momento é hora de almoço.

**DONA CALITA** — Desculpa-me pelo atrevimento, senhora Rosa. Estava totalmente esquecida desse detalhe. Também só saí às pressas do centro para vir cumprir com o combinado. Vim informar à senhora que já despachei as bananas e vendi...

**SRA. ROSA, GROSSISTA** — Não preciso saber quanto vendeste, diz-me apenas quanto me darás e pronto. Chega de rodeios, dona.

**DONA CALITA** — Não tenho como fazer isso, senhora. Vendi e muito bem.

**SRA. ROSA, GROSSISTA** — Está bem, já que insistes, do dinheiro que arrecadaste tira três mil kwanzas e entrega no segurança que se encontra lá no portão. Depois do almoço vou lá ter com ele para acertar contas.

**DONA CALITA** — Só? Está bem, senhora Rosa. Com licença.

**SRA. ROSA, GROSSISTA** — Foi bom negociar contigo.

(...)

**DONA CALITA** — Meu Deus, é muito dinheiro que sobrou aqui. Vou já pagar o dinheiro alheio para não ficar mais com dívida. Tomara que ele esteja ainda em sua casa. Assim, evito gastar mais esse dinheiro. — Boa tarde! Boa tarde, senhor Francisco. Tem alguém aí?

**SR. FRANCISCO** — Mana Calita por aqui de novo? O que foi, queres mais algum valor? Pensaste bem na minha proposta? Eu bem que avisei que ias precisar de muito mais. É preciso ser um pouco ambiciosa, mana.

**DONA CALITA** — Não, mano Francisco, apenas vim trazer o dinheiro que me emprestou com os juros acordados também.

**SR. FRANCISCO** — Como assim devolver já? Já não foste comprar o negócio? Como é que me vais dar os juros se ainda não usaste o dinheiro?

**DONA CALITA** — Não faz mal, mano. Eu sei bem o que estou a fazer. Aqui está o seu dinheiro e muito obrigado por tudo. Não me olha assim, mano. Aqui estão os teus valores completinhos com os juros, não estou a inventar nenhum truque. Eu sei que vais querer saber dos juros porque isso é o que te interessa mais, não é isso mesmo?

**SR. FRANCISCO** — Está bem. Dei-te sete e meio, o combinado seria entregar-me doze e meio, certo? Do valor dado acrescenta apenas mil kwanzas e pronto. Combinado, mana Calita?

**DONA CALITA** — Está bem, mano Francisco. Muito obrigada pela compreensão. Espero que isso não o impeça de me ajudar quando precisar de ajuda novamente, mano Francisco.

**SR. FRANCISCO** — Não te preocupes, sempre estarei aqui para quando precisar de ajuda, mana. A vida é mesmo assim.

**DONA CALITA** — Está bem. Então, ainda é cedo, tenho de voltar ao negócio, deixei lá a outra sozinha. Vou aproveitar o tempo para não sobrecarregar a outra. Não a quero aborrecer porque ela tem o seu próprio negócio.

**SR. FRANCISCO** — Sim, vai ainda. Boa sorte.

(...)

**DONA CALITA** — O dia está ganho. Dívida paga, dinheiro no bolso, negócio vivo. Hoje já não sairei do centro da cidade muito tarde antes que não me encontro mais com os malditos ladrões.

(...)

**DONA MENA** — Ainda que vieste, mana, aqueles jovens que estão naquele carro vermelho querem comprar todo ananás, mas não têm dinheiro em mão. Precisam ir com alguém para levantar. São complicados, querem transferir o dinheiro como se uma de nós aqui tivesse uma conta bancária. Meus filhos, aqui o dinheiro fica no garrafão porque temos que comprar o negócio todos os dias.

**DONA CALITA** — Entendo, mana. E isso tudo onde é que vão levar? Para chupar é que não. Estou admirada ainda.

**DONA MENA** — Eles estão numa formação e querem comprar para acompanhar no almoço. Segundo eles, não querem ir às lojas porque além de caros, não parecem tão naturais como estes, ainda mais por

estarem no saco e não aqui na bacia que acabam de ser atingidos pelo sol. Um dos jovens também chegou de dizer que comprando em nós também é uma forma de nos ajudar a crescer.

**DONA CALITA** — Mba ainda há jovens educados nessa terra. Nem parecem gente da alta sociedade e rica. Deixa aproveitar ir ao encontro deles antes que perca essa grande oportunidade de vender isso tudo agora.

**DONA MENA** — Sim, corre, mas eles estão mesmo à espera. Deixa, parece que também já estão a vir aqui mesmo.

**DONA CALITA** — Sim, mana.

**JOVEM HEITOR** — Boa tarde, senhora. É a senhora Calita, pois não?

**DONA CALITA** — Eh! Sim, sou eu, como sabem o meu nome se vocês nunca me viram? Ham, já sei, foi a mana Mena, rsrsrsrs(risos).

**JOVEM HEITOR** — Sim, realmente foi ela. Acredito que já a informou sobre o nosso propósito, mas fica descansada porque já conseguimos levantar o dinheiro para a facilitar. Quantos ananás há no saco? Levaremos todos porque será para hoje e para amanhã também.

**DONA CALITA** — Um, dois... são treze, mano.

**JOVEM HEITOR** — Então, o total são três e novecentos. Cá estão os valores. Senhora Mena, a sua conta é de oito e duzentos, certo? Então, aqui têm quinze mil kwanzas, a diferença do troco, podem repartir-se. Comprem pão para o pequeno almoço das crianças.

**DONA CALITA** — Sim, obrigada, vocês são uma bênção, filhos. Amanhã o meu filho já não irá descalço, não mais irá com fome, triste e a reclamar. Vou comprar já o chinelo dele para não faltar nas aulas enquanto continuo com as vendas e a tentar acumular os lucros até dar jeito para lhe comprar um par de sapatos novos.

**JOVEM EDUARDO** — A senhora está a chorar? Heitor e Roberto, ouviram o que ela disse? Vamos ajuda-la, mas não pode ser ao lado da senhora ao lado para não soar mal, que tal? Ela precisa mesmo da nossa ajuda. Essas senhoras é que deveriam merecer o título de heroínas e não aquelas que passam o dia a sentar, comer e beber como se não houvesse o amanhã.

**JOVEM HEITOR** — Senhora Calita, acompanhe-nos para voltar com o saco. Vamos despejar os frutos na carroçaria do nosso carro e depois volta com o vasilhame.

**JOVEM EDUARDO** — Desculpe-nos, senhora, sei que é um incómodo, mas a senhora tem quantos filhos mesmo?

**DONA CALITA** — Tenho três filhos, mano.

**JOVEM EDUARDO** — Estudam? Parece que disse que ia comprar chinelo para o seu filho, é isso?

**DONA CALITA** — Sim, é isso. Até estou com vergonha de falar isso, o sapato dele estragou e, nesta altura, usa o sapato do irmão mais velho para não faltar às aulas.

**JOVEM HEITOR** — Já volto, distraiam a senhora.

**JOVEM EDUARDO** — A senhora faz mais alguma coisa além disso?

**DONA CALITA** — Não, mano, infelizmente devido aos conflitos da guerra não tive a oportunidade de estudar e os meus documentos foram todos extraviados. Por essa razão, apenas sobrevivo da venda disso aqui. Todos os dias é rezar para que os clientes apareçam.

**JOVEM ROBERTO** — Dos três, quem sabe desenhar? Eu gosto muito de desenhar e tenho aqui alguns desenhos, papeis A4, lápis e borrachas, posso oferecer para o seu filho que saiba ou tenha gosto pelo desenho. É quase nada, mas para iniciantes dá uma boa inspiração para continuar com arte.

**DONA CALITA** — Ene akome, é o Miguel. Aquele rapaz gosta muito de desenhar. Se tivesse possibilidades ia mesmo lhe pôr numa escola de arquitectura.

**JOVEM ROBERTO** — Para uma pessoa que não estudou, a senhora deu um passo muito grande, expressa-se muito bem, acredite. Além disso, tem bons pensamentos para o bem dos seus filhos.

**DONA CALITA** — Assim, eu com os meus ndissi, ndissi sei falar bem, ó mano? Até as pessoas riem-se de mim quando estou a falar porque nem sei me expressar em condições como elas. Vou fazer como se a minha língua materna não é o português?

Por exemplo, na minha língua não existem os sons /b, d, g, p/, mas os sons /mb, nd, ng/. Por não estudar, em vez de falar combreender, com a letra p, falo combreender.

**JOVEM EDUARDO** — Isso é Linguística Bantu, Roberto. Aprendi isso no ensino superior. Essa senhora sabe muito, não pode ser.

**JOVEM ROBERTO** — Yeah, tens razão, não é nada normal ver uma pessoa que não estudou ter esse domínio todo. Bem, o Heitor chegou.

**JOVEM HEITOR** — Senhora Calita, estes são os sapatos e a mochila para o seu menino para que não falte às aulas. Como é que ele se chama mesmo?

**DONA CALITA** — A Suku yange. Vocês afinal estão a me travar enquanto ele foi comprar isso tudo para o meu filho? O nome dele é Pedro. Hoje o Pedro vai ficar muito feliz que vocês nem imaginam. Ele sempre sonha com um par de sapatos novos.

**JOVEM HEITOR** — Só estamos a fazer o que alguém um dia fez por nós também, senhora Calita. Estamos atrasados, temos de ir. Não chores mais, senhora, coragem, hein!? Passar bem.

**DONA CALITA** — Não falo mais nada. Deus sabe o que faz.

(...)

**DONA MENA** — Atchi, estás a voltar mais com o saco cheio? Já não levaram mais as tais frutas, mana? E também demoraste muito, até pensei que foste raptada.

**DONA CALITA** — Levaram, mana.

**DONA MENA** — Então, demoraste assim tanto por quê?

**DONA CALITA** — Estava à espera de uma encomenda apenas, mana.

**DONA MENA** — Ham, está bem. Hoje mesmo foi o teu dia. Deus recompensou-te por tudo o que perdeste ontem. Vês como não é bom lamentar-se muito? Quando a pessoa cai, o segredo é levantar-se e caminhar.

**DONA CALITA** — O que seria de mim sem ti, mana?

**DONA MENA** — Antes que me esqueço, está aqui o dinheiro do ananás que vendi e o teu dinheiro que aqueles manos nos deram. Ainda só são treze horas e quarenta minutos. Já vais voltar em casa?

**DONA CALITA** — Sim, vou aproveitar comprar comida e levar a encomenda alheia.

**DONA MENA** — Está bem, mana. Eu sairei a mesma hora de sempre. Não te preocupes, terei cuidado para não passar pelo que passaste ontem.

**DONA CALITA** — É melhor mesmo, mana, todo o cuidado é pouco. Evita passar em locais pouco frequentado por pessoas e guardar bem o dinheiro. Onde há muita gente eles nem sequer chegam, principalmente se tiver ainda clareza. Toma muito, mas muito cuidado mesmo, ove.

**DONA MENA** — Está bem, mana. Ene! Hoje estás muito animada, diferente do semblante que carregavas quando ias lá procurar por mim na minha casa, gosto muito de te ver assim animada.

**DONA CALITA** — Oko! A minha cara estava mal, pois não? Até estou com muita vergonha por falar nisso. Mba há coisa nessa vida que nem dá para lembrar e relembrar.

**DONA MENA** — Não tenha...ove, vai já então. Leva a encomenda alheia antes que não te envolvas mais em problemas. Hoje ainda mima lá as crianças, mas não te esqueça de fazer render o teu negócio para no fim do mês consigues pagar a dívida do manhoso do senhor Francisco. Aquele é perigoso na hora de comprar as pessoas.

(...)

**DONA CALITA** — Senhor, isso não está acontecer comigo. É tanta emoção que nem consigo mais ficar em pé. Assim, já não compro chinelos. Apenas vou comprar fubá, arroz, óleo, peixe seco e fresco para hoje porque não tenho como conservar o peixe, um pouco de feijão, sabão e carvão. Ham, não me posso esquecer de comprar farinha para fazer uns pasteis para os meus filhos. Oko, Deus é maravilhoso. Deu-me mais do que podia esperar e receber.

## CENA VI

**DONA CALITA** — Ó Pedro, não vens ajudar a mamã? Isso está muito pesado, vem ainda receber esse saco de carvão e o saco de peixe, toma cuidado para que o cão não coma o peixe.

**PEDRO** — Uau! Peixe fresco? Isso é bom, nunca mais comi peixe fresco. Ainda bem que estou sozinho. Mamã, as tripas são minhas já ocupei.

**DONA CALITA** — Está bem, meu filho.

**PEDRO** — Mamã, hoje um colega me abusou bué porque o sapato descolou em frente. Disse que o meu sapato era bagre fumado e que deveria só deitar. Preciso mesmo de sapato, mamã.

**DONA CALITA** — Coitadinho do meu filho! E como é que o teu irmão foi na escola se o sapato descolou mais ainda?

**PEDRO** — Foi mesmo com as chinelas da Jú. Ficou bem mau que quase me batia como se descolasse o sapato dele de propósito. Mamã, não tive culpa nenhuma, foi sem querer. Bati na pedra porque o sapato é grande para o meu pé. Por mais que eu levanto o pé, sempre bato na pedra ou arrasto o pé.

**DONA CALITA** — Não faz mal, amanhã já não vais mais passar por isso. Eu prometi e vou cumprir com a minha promessa.

**PEDRO** — Está bem, mamã.

**DONA CALITA** — Agora ajuda-me a limpar o peixe para não estragar. Vai lá pegar a água e uma bacia. Enquanto arranjo o peixe tu vais lá pisar o alho e o sal. Seja rápido mesmo para depois acenderes o fogareiro.

**PEDRO** — É muito trabalho, yeah? Mas desde que fico com todas as tripas hoje, para mim não faz mal algum. Gosto mais ainda porque o Miguel não está aqui para me complicar a vida.

**DONA CALITA** — Filho, o homem não pode ser preguiçoso. Tens que ser muito dinâmico. Aproveita enquanto és criança. Meu filho, ainda ficas aqui a controlar isso, vou só rápido no sapateiro para coser o sapato do teu irmão.

**PEDRO** — Está bem, mamã. É melhor mesmo coser agora antes de o Miguel chegar porque senão vai só me matar com surra. Amanhã até nem sei se vou meter mais qual sapato. Mamã, compra só um chupa pelo menos.

**DONA CALITA** — Já disse para te muita calma, meu filho. Sabes que a pressa é inimiga das coisas boas, não sabes? Vamos devagar, passo-a-passo vamos conseguir tudo aquilo que desejamos. Já volto...não saia daqui, estás a ouvir-me?

(...)

**JÚ** — É como? Estás sozinho em casa? Quem trouxe esse peixe? A mamã já veio? Hoje veio cedo demais.

**PEDRO** — Sim, a mamã já veio há muito tempo. Não mexe só na minha lata, tem lá as minhas coisas de peixe que guardei, foi a mamã que me deu.

**JÚ** — Não vou mexer, tu sabes que quem mexe é o Miguel. Vais partilhar um pouco comigo, não é? Vou ajudar-te a preparar, que tal?

**PEDRO** — Está bem, mas eu fico na lata, yeah?

**JÚ** — Está fixe. E onde é que a mamã se meteu?

**PEDRO** — Saiu, foi mandar coser o sapato do Miguel.

**JÚ** — Oh, ainda bem, tens muita sorte porque se eu não estivesse cá, hoje o Miguel ia mesmo acabar contigo de uma vez por todas.

**DONA CALITA** — Atchi, afinal é mesmo verdade que o Miguel queria matar o meu filho por causa do sapato que descolou?

**JÚ** — Sim, mamã. Hoje o Miguel ficou maluco mesmo porque foi pegar até um cabo de enxada para bater o outro.

**DONA CALITA** — O Miguel não pode agir assim com o seu próprio irmão. Isso me deixa muito preocupada e assustada.

**JÚ** — Falta óleo nesse peixe , mamã, está a ficar muito seco.

**DONA CALITA** — Vai ainda tirar a bata e vem pôr óleo. Depois, tira o lixo no arroz.

**JÚ** — Sim, mamã. Hoje é dia de comer bem. Arroz com peixe? Não me lembro da última vez que comemos arroz e peixe nessa casa.

**PEDRO** — A panela de arroz é minha, já ocupei, Jú. Pergunta só na mamã.

**JÚ** — Mba hoje estás com tudo. Assim, não pensaste só lá nos outros? Tipo é só tu que comes, não é? Vai já chegar a nossa vez.

**PEDRO** — Olha ela...já não tenho pena porque na vossa vez nem me dão lá e se me dão, é sempre um pouquinho.

**MIGUEL** — Pouquinho de quê assim? Está a cheirar peixe sardinha e é fresco. Esse cheiro é daqui ou da vizinha?

**JÚ** — É mesmo daqui. Hoje vamos comer peixe fresco. Fica já a saber que não será com funje, será mesmo com arroz, acreditas nisso, Miguel?

**MIGUEL** — Nada, estás a mentir, assim, o tal arroz saiu de onde? A mamã está aí dentro? Vou lá tirar dúvidas.

**JÚ** — Oh, ainda duvidas? Não vêes aqui na bacia?

**MIGUEL** — Deixa ver isso...oh, é mesmo arroz. Ó Senhor, muito obrigado por ouvir a minha oração. Esses dias só sonho já com arroz. Hoje finalmente vamos comer arroz e não é simples, é com peixe.

**DONA CALITA** — Jú e demais, podem entrar.

**MIGUEL** — Boa tarde, mamã.

**DONA CALITA** — Sentem todos aí. Estou triste por saber que vocês se têm revelado como inimigos. Como é que vocês lutam mais entre irmãos? O que é que isso significa? Eu saio todos os dias para pôr algo em casa enquanto vocês andam em pancadas? Por quê? Espero que mudem de comportamento e já.

**MIGUEL** — Mamã, eu...

**DONA CALITA** — Não pedi a vossa opinião. Assunto encerrado, estamos todos entendidos? Não quero ouvir mais alguém a questionar ou a falar alguma coisa.

**MIGUEL** — Está bem, já não mais falo nada.

**DONA CALITA** — Jú, vai no meu quarto e traz o saco branco que lá está. Não desamarra o saco, apenas traz aqui.

**JÚ** — Entendido, mamã. (...) — Cá está , mamã. O que será que tem aí nesse saco?

**DONA CALITA** — Nem sei também, filha, por isso, esperei todos vocês para abrimos juntos esse saco e vermos o que está dentro. Vamos lá abrir isso.

**MIGUEL** — Uau! Isso é mochila do homem-aranha. É de quem, mamã?

**DONA CALITA** — É do teu irmão.

**MIGUEL** — A mãe comprou mochila do homem-aranha para ele enquanto eu levo os cadernos na lata de leite NIDO? Isso não é justo.

**DONA CALITA** — Tu nem sabes quem deu isso. Deixa terminar de verificar o que há dentro desse saco e da mochila.

**PEDRO** — Uau! Sapatos! São bonitos. Mamã, são meus?

**DONA CALITA** — Sim, experimenta os dois pares, são teus. Oh, tem também um par de chinelos e pelos vistos são bem caros.

**JÚ** — Se a mamã está surpresa, queremos saber quem pagou isso tudo para o Pedro, mamã. Pode contar-nos tudo?

**DONA CALITA** — Esperem ainda. Miguel, aqui estão estes materiais de desenho. Agora já posso explicar, hoje quatro jovens clientes simpatizaram comigo, além de terem comprado todo ananás, falei-lhes que ia comprar chinelo para o Pedro, eles sentiram-se compassivos e decidiram comprar isso tudo para ele. Esse material de desenho foi dado por um jovem que soube que o Miguel gosta de desenhar. Essa é a história que vos conto.

**MIGUEL** — Muito obrigado, mamã. Pelo menos vou deixar de desenhar nas caixas e capaz de cadernos.

**JÚ** — Isso mesmo é que se chama bênçãos, mamã. Não é todo o dia que se consegue encontrar pessoas dispostas a nos ajudarem seja lá no que for.

**DONA CALITA** — Minha filha, hoje chorei muito de emoção. Muito mesmo. Como é que te ficou, meu filho? Gostaste?

**PEDRO** — Sim, mamã. Tudo ficou muito bem. Agora que tenho sapatos, chinelos e mochilas novos, quero só ver quem me vai mais abusar na escola. Estou muito feliz que nem quero mais dormir hoje, mamã. Quero já para amanhecer e ir a correr na escola.

**MIGUEL** — E eu é que fico com chinelas da Jú, não é?

**DONA CALITA** — Não, filho, já cosi os teus sapatos, estão mais lindos. Por outra, prometo comprar-te novos sapatos ainda nesse mês, podes confiar na tua mamã.

**MIGUEL** — Ainda bem, mamã. Preciso também de sapatos novos.

**PEDRO** — O meu sonho foi realizado, mamã, finalmente sapatos novos. Hoje em dia não é fácil ter sapatos novos. Muito obrigado, minha mamã.

**DONA CALITA** — Obrigado, meu Deus. A partir de hoje o meu filho terá mais ânimo de ir na escola, pois era de um par de sapatos e em condições que ele precisava. Ndapandula.

# **Ofegantes Sensações**

## **A Jornada**

**Autor:** Mille Tavares

**EDITORA DIGITAL**  
**"ÁGUA PRECIOSA"**

Telefone: 923 407 949

**Projecto gráfico**

Belson Pedro Raimundo Hossi



Todos os direitos desta obra reservados a

**Mille Tavares**

Este E-book está protegido por

Leis de direitos autorais na "**CPLP**" "**SADC**" e "**PALOP**"

=====

**"CPLP" COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**"SADC" COMUNIDADE DOS PAÍSES DA ÁFRICA AUSTRAL**

**"PALOP" PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA OFICIAL PORTUGUESA**

Esta obra está sob uma Licença Commons.

Você pode copiar, distribuir, exibir, desde que

Seja dado crédito aos autores originais –

***Não é permitido modificar esta obra.***

***Não pode fazer uso comercial desta obra.***

***Não pode criar obras derivadas.***

A responsabilidade

Pelos textos, músicas e imagens

É exclusivamente do Autor.

**Mille Tavares El Dorado, pseudónimo de Domingos Tavares, das Terras Altas da Chela (Lubango-Angola), Estudante de Mestrado em Ensino da Língua Portuguesa pelo Instituto Superior de Ciência de Educação da Huíla (ISCED-HUÍLA); activista, professor da formação geral e ensino superior, pintor, desenhador amador e entusiasta, membro da ASA-Huíla e da A.E.A, YALI NETWORK Alumni, Autor da Trilogia (e-books) Na Literaestrada e do e-book Pensamentos & Acções, Revisor e Consultor Linguístico independente. Participante das Antologias Angola-Brasil, Sonata Poética da Liberdade "Vaas Beethoven", Quintofonia poética**